

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"

17/11/1943 publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 10
Núm. 3

Notícia sobre Alcindo Guanabara

Nasceu Alcindo Guanabara em Petrópolis, município de Angra, na província do Rio de Janeiro. Foram seus pais o professor Manoel José da Silva Guanabara e a professora Juliana da Silva de Almeida Guanabara, formados ambos pela antiga Escola Normal de Petrópolis. Alcindo nasceu no dia 19 de julho de 1885.

Sua infância transcorreu em Minas e, depois, Montevideo, Petrópolis, São Paulo, Mangaratiba — localidades em que, levados pela profissão, tinham que habitar seus pais.

Aos 15 anos, em Mangaratiba, entra ele com a instrução primária terminada. Começa, então, a tentar ganhar a própria vida, já exercendo pequenos trabalhos manuais, já lecionando a crianças as primeiras letras. Ainda em Mangaratiba, adquiriu os primeiros conhecimentos de latim, que lhe foram ministrados pelo vigário da localidade, de cujas missas ele ajudava. Quando que o d. Pedro Maria e, portanto, tendo-o ouvido, certa vez, receber a Epi. tola, e tal notícia se impressionou que o menino feito para a vida e, portanto, cresceu-se, então, para ensinar-lhe a educação religiosa. Alcindo desceu-se, então, para o Rio de Janeiro, onde se apresentou ao genitor de Petrópolis. (V. Alberto Faria, jornalista recebendo, Gustavo Barroso na Academia Brasileira).

Aos o professor Guanabara transferiu-se, com a sua família, para Petrópolis. Alcindo, com sua entrada, como aluno interno, gratuito, para o colégio de José Pereira da Paixão. Para não pensar demais no colégio, via companheira, de algum modo, a gratuidade das lições que recebia; desempenhava as funções de bedel; em 1882, assumiu a regência de uma aula de matemática elementares. No ano seguinte, concluiu seus estudos secundários. Parece que foi em Petrópolis que primeiro lhe viveceu a maturidade — vocação de jornalista: ali ele escreveu, ainda criança, em jornais fazendo-se, na adolescência, frequente colaborador do "Avante".

Prontou exames no Pedro II, e em 1884 estava matriculado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Suas condições prematárias são muito difíceis, e para viver ele é obrigado a aceitar empregos inferiores, como o de porteiro do Jockey Club. Faz-se, depois, inspetor disciplinar no Asilo dos Menores Desvalidos, do dr. Daniel de Almeida.

Em 1885, está no segundo ano da Faculdade de Medicina, e funda seu primeiro jornal, e a "Fantarra", órgão acadêmico. Alcindo assume o cargo de diretor e a folha publica seu primeiro número em 20 de março daquele ano. Entre os seus colaboradores, conta-se um que se chama Olavo Bilac. Em um dos artigos de Alcindo, que publicamos neste "Suplemento", os leitores encontrarão curiosa página de reminiscências desses pitorescos adolescentes tempos.

E nesse ocasião que se dá um fato que merece ser citado, na biografia do jornalista. Num artigo de "Fantarra", analisando o regulamento da Faculdade

de Medicina, Alcindo fazia censuras ao ministro do Império O dr. Daniel de Almeida fez-lhe sentir que, se continuasse com o nome do cabeçalho da irreverente folha, não poderia permanecer como inspetor do Asilo dos Menores Desvalidos. O rapaz imediatamente deixou o Asilo.

Nesse mesmo ano de 1885 tendo-se aproximado de José do Patrocínio com uma apresentação de Marinho de Andrade, Alcindo admitido na "Gazeta da Tarde", com o ordenado de 60\$000 por mês. Ali encontra como redatores Raul Pompéia e Luiz Murat. Da-lhe Patrocínio, desde logo, um encargo dos mais ímportantes: o de fazer a mala de S. Paulo, função que se cífava apenas em uma meia hora de trabalho com a tesoura, por dia... Foi quando executava tão modestas funções que Alcindo teve ocasião de dar a primeira grande demonstração de seu talento e de sua capacidade de trabalho. — Como um projeto pela falta de pagamento, o principal da "Gazeta da Tarde", deborçava, na ausência de José do Patrocínio e de Raul Pompéia, fazer greve. Ignorando o fato, sabia Alcindo os desmandos da redação, quando encontrou Sérgio Junior, gerente da folha, que substitua Patrocínio. Sérgio Junior lhe disse que era escusado ficar, porque a "Gazeta" não sabia aquilo que dizia. Que Alcindo saber a razão. E quando esta lhe foi dada — a de que não havia ninguém para escrever — ele respondeu:

— Pois não seja esta a dúvida. Eu faço tudo...

E com efeito. Meteu-se, sozinho, na redação — e a "Gazeta" rodou, naquela tarde, toda e toda feita por ele! Foi um sucesso, entre os colegas. E estes, para se eniziar tão estupenda revelação, ofereceram a Alcindo um banquete. Logo depois, Patrocínio lhe confiou, a crônica política, que é e assinava "Aranha Minor". Nessa fase, foi um brilhante articulista em prol da campanha da Abolição.

No mesmo ano, seu nome aparece em vários jornais e revistas da cidade, tornando-se familiar aos leitores mais diferentes. Ele assinava trabalhos na "Semana" e na "Vida Moderna", e dá era lindas páginas de prosa, ora poéticas e sonetas.

Mas o partido conservador está atemorizado diante do sempre vemente que cada dia mais vai tendo a campanha da Abolição. E sua facção escravocrata libera fundar um jornal. É o "Novidades", cujo número 1 sai a 25 de janeiro de 1887. Sua direção é entregue a Alcindo Guanabara. Estão com ele Moreira Sampaio e Artur Azevedo. Ião depois para sua companhia Olavo Bilac, Coelho Netto, etc.

Alcindo Guanabara tem apenas 22, mas já é, na opinião unânime, um dos maiores jornalistas brasileiros.

Ali ele publica as suas "Telas de Aranha" (a seção assinada "Aranha Minor", que traxera da "Gazeta da Tarde"); e publica também a seção "Notas políticas", assinada "Nestor", ambas quotidianas. Nesses artigos debatia as grandes questões do momento, e com tal pericia o fazia, e com tal saber, que a todos se impunha. Con-

ta-se que, discutindo um projeto apresentado ao Senado pelo Visconde do Cruzeiro e por Lafayette, escreveu com tanta elevação que Francisco Beltrão, ministro da Fazenda, disse, ou conheceu-o. Foi para isso a redação das "Novidades". E enorme foi seu espanto, quando verificou que o autor de comentários tão agudos e sábios era um rapaz ainda imberbe. Beltrão convidou-o a ser apresentado a Cotegipe, Paulino, etc., conservando por ele desde então uma afeição paternal. Alcindo terça armas com adversários dos mais temíveis — e, entre estes, conta-se o próprio Patrocínio! Mas multiplica-se, também, em trabalhos de outros gêneros; e é "Marcelo" em crônicas; é "Diabo Coxo" nas críticas humorísticas; é "Mefisto" nos contos e fantasias.

Feita a Abolição, passa ele a trabalhar no "Diário do Comércio". Em 1889, está fazendo a campanha da República no "Correio do Povo".

Com o novo regime, é eleito para a Constituinte pelo Estado do Rio, tomando parte saliente nos trabalhos de elaboração da lei básica. Quando ocorreu a dissolução do Congresso, em 1901, ele foi eleito para o Estado do Rio, tomando parte saliente nos trabalhos de elaboração da lei básica. Quando ocorreu a dissolução do Congresso, em 1901, ele foi eleito para o Estado do Rio, tomando parte saliente nos trabalhos de elaboração da lei básica.

Em 1893, parte para a Europa, com a esposa e dois filhos, feito superintendente geral de imigração. Quando rompeu o movimento de 5 de setembro, viajando o incumbido da compra de torpedeiros para a nossa esquadra. E' desse ano o seu opusculo — "La République Brésilienne" — de propaganda nacional.

No ano seguinte, tendo regressado da viagem à Europa, toma assento na Câmara dos Deputados, como representante do Distrito Federal para a segunda legislatura republicana — 1894-1896.

Escreve a "História da Revolução", que primeiro aparece nas colunas do "Comércio de São Paulo" e é depois editada em livro.

Está, a esse tempo, n' "A República", e tempo com Prudente de Moraes. Como consequência do atentado de 5 de novembro de 1897, é preso e mandado, juntamente com Barbosa Lima, para a ilha de Fernando de Noronha. Dizem que para o seu degredo levou Alcindo consigo "A conquista do pão", de Kropotkin. — O Supremo Tribunal, considerando que a ilha de Fernando de Noronha não era lugar destinado a presos políticos, concedeu o "habeas-corpus" impetrado em favor de Alcindo Guanabara e Barbosa Lima.

Regressando ao Rio, Alcindo fundou a "Tribuna", órgão de oposição a Prudente. Sobrevem o período de Campos Sales — 1898-1902 — e Alcindo se torna o grande jornalista da situação. Fluido o quatriênio, publica o seu longo e minucioso livro — "A presidência Campos Sales". Funda a "Nação", onde des-

(Continua na página 36)



ALCINDO GUANABARA

SUMÁRIO

- PÁGINA 33:
— Notícia sobre Alcindo Guanabara.
PÁGINA 34:
— A casa de Dickens, de Alcindo Guanabara.
— Encerrando uma polémica com José do Patrocínio, Alcindo Guanabara.
PÁGINA 35:
— A Comédia do Amor, Aranha Minor (Alcindo Guanabara).
— Tumultos, soneto de Alcindo Guanabara.
— A figura de Alcindo Guanabara, de Gustavo Barroso.
PÁGINA 36:
— Um perfil de Alcindo Guanabara, de Humberto de Campos.
— Um momento de prazer, Alcindo Guanabara.
— Trecho de um poema em prosa, de Alcindo Guanabara.
— Primeiro encontro com Bilac, de Alcindo Guanabara.
PÁGINA 37:
— Rubares, de Aranha Minor (Alcindo Guanabara).
— Crônica da Semana Santa, de Aranha Minor (Alcindo Guanabara).
— Noiva, de Aranha Minor (Alcindo Guanabara).
— A Saudade, Alcindo Guanabara.
— A felicidade de ter um calo, de Alcindo Guanabara.
PÁGINA 38:
— A propósito de Shakespeare, de Aranha Minor (Alcindo Guanabara).
— A Felicidade, de Aranha Minor (Alcindo Guanabara).
— Correspondência de escritos, Carta de Alcindo Guanabara a um amigo (fac-símile de autógrafo).
PÁGINA 39:
— Trecho de um livro inédito, de Aranha Minor (Alcindo Guanabara).
— Ad Sodales - XVI — A Alcindo Guanabara, de U. do A. Vivamos a dor, de Aranha Minor (Alcindo Guanabara).
PÁGINA 40:
— Vita brevis... de Aranha Minor (Alcindo Guanabara).
— Depois da Abolição, de Alcindo Guanabara.
— "A Presidência Campos Sales", (fotografia).
PÁGINA 41:
— Bibliografia de Alcindo Guanabara.
— O Jornal, de Alcindo Guanabara.
— Sobre a Imprensa, Alcindo Guanabara.

- PÁGINA 42:
— Um depoimento sobre Alcindo Guanabara, de Mario Ho. a.
— Alcindo Guanabara na Academia.
— Machado de Assis, num discurso de Alcindo Guanabara, na Câmara dos Deputados.
— Pseudônimos de Alcindo Guanabara.
PÁGINA 43:
— Galeria de arte, Cândido Portinari N. 6 — Os Gachetas.
— Um poema de Paul Eluard, tradução de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.
— O Violino da morte, de Laurindo de Brito.
PÁGINA 44:
— Ignoradas influências na poesia brasileira, de Josué Montello.
— Cecília Meireles (nota, com retrato de Arped Spence).
— Bibliografia da poesia de Cecília Meireles.
— Algumas fontes sobre Cecília Meireles.
PÁGINA 45:
— Stéphane Mallarmé, de João Alphonso.
— Um autógrafo de Cecília Meireles. Canção.
PÁGINAS 46 e 47:
— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea. Primeira Série — Antologia da Poesia. II — Cecília Meireles: — Motivo. — Murmúrio. — Onda. — Pausa. — Perspectiva. — Quadras. — Ressurreição. — Retrato. — Sorela. — Tentativa. — Timidez. — Valsa. — Guitarra. — Discurso. — Destino. — A última cantiga. — Anunciação. — Aceleração. — Epigrama n. 3. — Epigrama n. 7. — Epigrama n. 13. — Epitáfio da Navegadora. — Canção da Menina Antiga.
PÁGINA 48:
— Album de Guignard, N. 16. — A atitude poética do Misticismo, de Mucio Leão. — Teoria de arte, de Tristão da Cunha.

A CASA DE DICKENS -- Alcindo Guanabara

O dever de averiguar por mim mesmo em que estado arribava a Portsmouth as duas torpedeiros, levou-me então... à casa em que nasceu Dickens. Era aqui, sítio na estrada principal que sai de Portsmouth, não se distingue em nada das que a cercam uma grade de madeira protegendo um jardim exíguo, janelas comuns su-papelas duas a duas, a habitação água furtada e a incerta-za chaminé de tijolo, dotada, ao-aço. Não fosse uma casa, avi-sento que ali nasceu, a 7 de fe-veiro de 1812, o maior escri-tor que a Inglaterra produziu neste século, e ninguém lhe da-ria um olhar.

Essa placa deteve-me. Parei a considerar com atenção qua-se com afeto essa casa, em que, aliás, eu sabia que Dickens so-havia passado poucos anos da infância; mas quando se tem por um artista a veneração, o respeito, o amor que eu tenho por Dickens — certamente o es-criitor cuja vida e cuja obra mais tem influído sobre mim — não é para admirar que o en-contro inesperado da casa em que ele viu a luz nos deixo uma certa comoção. Era ali que nasceu Charles John Huffham Dickens, segundo filho de John Dickens, empregado subalterno numa das repartições de mari-nha de Portsmouth; era ali que se tinha escondido a parte talvez mais feia da sua existência; era ali, pelo menos, que corra-mos os únicos dias despreocupa-dos da sua vida. Poucos e bre-ves foram esses dias. Carlos era ainda menino, quando John Dickens se mudou para Lon-dres e depois para Chatham, onde ele começou a frequentar a escola. Um de seus biógrafos informa-nos que o futuro hu-morista, inimitável e inextinguível, era concentrado, quase melancólico. Não brincava com os meninos de sua idade: passava os dias a ler os poucos livros que o pai possuía. A miséria velo-ceda atirava-o à triste realidade da vida. A prisão por dívidas da Marshallsea abriu-se para a re-clusão de seu pai e de sua mãe;

Carlos foi obrigado a procurar trabalho numa oficina, onde ga-nhava seis shillings por semana, em os quais havia a própria subsistência. Mais tarde, em "David Copperfield" e em "Little Dorrit", ele pintou com verdade esses dias de tristeza e de ma-çoa. No seu primeiro livro, "Sketches by Boz", conta-nos que não teve na sua mocidade uma vasta e sólida cultura efec-tivamente, quando voltaram para a os pais das melhores Car-los voltou a escola, que fre-quentou durante três anos, fin-dos os quais entrou para o es-crutório de um advogado. Não lhe agradaram as tricas foren-ses. Pouco depois, era crôni-ca parlamentar do "Morning Chronicle", onde adquiriu a fa-ma de ser o melhor "reporter" de seu tempo, só vindo a renun-ciar a esse carreira, quando a sua obra imortal, "Pickwick Pa-pers", publicada em 1836, teve o largo sucesso que lhe trouxe merecida fama. Foi exatamente essa a primeira obra de Di-ckens que me veio das mãos, quando ainda adolescente. Li depois uma infinidade de obras inglesas deste século e li todos os demais livros do próprio Di-ckens e nenhum achou que lhe podesse ser comparável. O tipo da Pickwick é uma criação ge-nial e eterna. A sátira, a ironia, a análise humorística dos costumes e dos vícios ingleses ali são feitas com uma tal sen-sação de verdade e uma tama-nha superioridade de espírito, que o leitor estrangeiro, alheio a esses lugares e coisas, tem deles uma noção, por assim di-zer, exata. Mas é, sobretudo, quando se está aqui e se percor-re os lugares que a obra de Di-ckens nos tornou familiares, Bertie Marks, Clerkenswell, Gray's-inn-road, Inns of Court e a todo o momento, nos cafés, nas ruas, nas igrejas, nas salas dos tribunais, nas escolas, se acolorem os tipos que ele fi-zou com uma precisão de obje-tiva fotográfica, que se adquire a noção desta verdade: — de que muitos anos antes do famo-so concílio de Medau, em que

pontificava Zola, o papa do rea-lismo, já nesta verde ilha, jun-teada neste verde mar do Nor-te, este grande escritor entendia a arte como a exata expressão da verdade, colhida na observa-ção dos aspectos flagrantes da Vida. Não importa que "Pi-ckwick Papers" seja uma obra que se poderia dizer caricatu-ra. O "humour" é uma modali-dade peculiar do espírito in-glês; mas não exclui a obser-vação e o registro da verdade. Antes, é incompreensível fora dos limites que elas lhe tra-çam. Quando exorbita deles, ja não é o "humour": é a "bla-gue", é a pilhéria, é a chalaca, pura ginástica do espírito e das palavras, alguma coisa como as contorções junfumbas do "clown", que não deixam im-pressionado, ou deixam, bem no fundo, o resíduo do tédio. Pi-ckwick é a mais completa e a mais perfeita condensação do "humour" inglês, que apareceu durante todo este longo e glo-rioso reinado de Sua Majestade Graciosa; e, sem embargo disso, é uma fotografia admirável da vida inglesa, da terra inglesa, da civilização inglesa, dos costu-mes ingleses do tempo em que foi escrito, ainda relativamente tão primitivo e que, entretan-to, já se me afigura a mim, que só agora vejo a Inglaterra, tão remota, como se medasse um século.

Também nenhum outro mo-derno livro inglês penetrou tão intensamente a alma popular. Haveria todo um capítulo a se-cretar sobre os artistas que o ilustraram, desde a disputa para a sucessão de Seymour, que ilustrou o primeiro volume e estava morto quando apare-ceu o segundo. Essa sucessão notável coube ao estimado ar-tista H. R. Browne; e são co-nhecidas as suas lutas com o próprio Dickens, que não con-firma ao critério do artista a es-colla dos trechos a ilustrar e que, não raro, desenhava os es-boços ou lá até a corrigir os de-senhos já feitos e assinados por esses grandes nomes. Haveria outro capítulo a escrever sobre

a série inenarrável de imitações es-piritas e de continhações des-sas aventuras: "The Penny Pi-ckwick", "Pickwick in America", "Pickwick Abroad", "The Pi-ckwick Gazette", etc. E inútil já-lo aqui: tudo isso couvra, apenas, que, em verdade, es-se livro singelo, por isso mesmo que era apenas a reprodução de cenas da vida realmente vi-vida, interessou e comoveu o pú-blico inglês. Não foi outra a ra-zão da força enorme de que go-zou este grande escritor sobre a opinião de seu país. Não es-queçamos de que ele não cedea a nenhuma influência estranha ou doméstica. No continente, o que dominava era o romantismo triunfante; a voz que se ouvia era a grande voz de Hugo. Era o tempo das "Odes et Ballades", das "Rayons et les Ombres", das "Vozes Intérioras"; era o tem-po da Musa formidável, exer-cendo uma formidável ditada-za:

Et que tous ces pervers tremblent
Ides à présent
De voir auprès de lui, formidable et
Imposant
Son ongle de lion sur la lyre étendue,
Ta colère superbe à tes pieds mu-lée!

A epístrofe ameaçadora des-se profeta bíblico não era ou-vida do outro lado da Mancha. Dickens serenamente escrevia "Nicholas Nickleby", o romance social, discutindo a grave ques-tão da educação nacional, que se lhe afigurava por demais obscura pelo Estado; aban-donava em "Oliver Twist" a "má comédia" e dava-nos um quadro pungentíssimo dos as-pectos trágicos da Vida; em "Great Expectations" e em "Da-vid Copperfield", que são quase auto-biografias, expunha a si-tuação social da Inglaterra, as-sinalando vícios e reformas. O movimento literário da França, que é o único que conhecemos e admiramos no Brasil, só muito mais tarde se orientou neste sentido. Ainda a literatura era, apenas, uma arte de prazer, um esforço de imaginação, alheio à

vida, alheio aos interesses da humanidade e já Dickens, para a conceber sem um fim pu-ro e sem um objetivo útil. Não se veja nisso apenas uma leção do caráter satânico. Para mim, a sua razão principal está no próprio temperamento pesan-to do escritor, que, muita vez, a-tendo de certo que o romani-eiro apenas uma arma de um indireta, recorreu a esse insula-mento magnífico de convicção, que é o período. Escravizava-lhe, porém, todas as qualifica-ções de jornalista e esses diver-sos periódicos naufragaram: era o temperamento de artista nacio-dico, que não tinha nenhuma fé na inspiração de momento, que só confiava no trabalho re-gular e pontual, que não admi-tia o improviso, que não conce-bia a difícil tarefa de narrar, sendo absorto, por completo, no silêncio monacal de sua casa de Gadshill, onde transcorriam pacificamente os seus últimos anos de vida e onde escreveu ainda grande número de obras entre as quais esse "Martin Chuzzlewit", que ele estimava como a sua obra prima e que, entretanto, nunca obombrou a glória de Pickwick.

Após ali, naquela estrada de Portsmouth, a placa assinala-do a casa em que nasceu Di-ckens, evocava toda essa obra e ia reconstruindo em meu espí-rito a personalidade do grande romancista, que eu tanto esti-mo e que tamanha influência exerceu sobre mim. Foi aos quinze anos que, tendo lido "Pickwick" e "David Copper-field", acendeu-se em mim a curiosidade ardente de conhe-cer intimamente o criador des-sas páginas e devorei a biogra-fia que Foster lhe traçou. Compreendi então a força do es-criitor: o segredo dela residia na sua capacidade de trabalho e no método que nele punha. E desde então, a minha preocupação de menino foi imitar Di-ckens: não, certamente, o alho-roso Dickens romancista mas o ignorado Dickens tradutor...
Londres, Dezembro 1933.

Encerrando uma polêmica com José do Patrocínio — ALCINDO GUANABARA

Para terminar, o redator da "Gazeta da Tarde", lançou mão do que lhe indicou a sua indig-nidade: uma calúnia.

O sr. José do Patrocínio esqueceu-se de que houve quem assistisse à nossa primeira en-trevista e acatou-se cobardemente por trás do desprezo que tem pela verdade para declarar que eu não lhe havia dito o mesmo que ontem disse por esta folha, acerca da divergên-cia que houve entre o sr. dr. Daniel de Almeida e o escritor destas linhas.

Eu não tenho um termo bas-tante enérgico, um adjetivo bas-tante violento, um epíteto bas-tante forte para apontar esse fi-gado ambulante e fazer-lhe sentir que ninguém tem o di-reito de falar à verdade concien-temente por maneira assim indecorosa, assim baixa, assim indigna!

O sr. José do Patrocínio esqueceu-se de que, no momento em que lhe narrei o fato que adulterou indignamente, acha-va-se presente o sr. Marinho de Andrade, a quem dirigi, ime-diatamente depois de ler a mi-séria inserida ontem na "Gaze-ta da Tarde", a seguinte car-ta:

"Amigo Marinho de Andra-de,

"Em abril do ano passado quando me acheli despregado, sugeri-me a infeliz ideia de me dirigir ao sr. José do Pa-trocínio e de lhe pedir um lu-gar na sua folha. Acompanhas-te-me à "Gazeta", assististe a entrevista que tive com esse tipo e ouviste as palavras que então trocamos.

Apelo para o teu testemunho no interesse de desmascarar o miserável que falta concien-temente à verdade para me apre-sentar como calunizador. Peço-te que me respondas junto à esta, reservando-me o direito de publicar a tua resposta. Sou, etc."

O sr. Marinho de Andrade, respondeu-me pela seguinte maneira:

"Caro amigo Alcindo Guanabara,

"Tendo eu recebido hoje uma carta tua, na qual me pedes que narre o que se passou entre meu amigo e o sr. José do Pa-trocínio, declaro — que em abril do ano passado achando-me eu em tua companhia na redação da "Gazeta da Tarde", disseste a este senhor que o sr. dr. Dan-iel de Almeida havia exigido a retirada do teu nome do cabeçalho da "Panfara", folha que então dirigias na Faculda-de de Medicina, pelo fato de haver sido inserido nesse jor-nal, um artigo contra o sr. mi-nistro do Império, e que pen-sando ser a realização desse ato contra a tua dignidade, te des-pediste do emprego que exer-cias nesse estabelecimento. Nessas condições, e precisando de um emprego qualquer, te di-gitias à redação da "Gazeta da Tarde", afirmando de saber se ali podias trabalhar.

"Eis do que posso dar teste-munho, pois assisti à conferên-cia entre o meu amigo e o sr. José do Patrocínio. — Sou, etc. Marinho de Andrade; — Rio, 8 de março de 1937."

Depois desta carta, eu não ti-nha necessidade de fiagelar o

sr. José do Patrocínio com ne-nhum adjetivo que se preste passivamente a essa tarefa do-losa. É uma testemunha de vista que vem dizer o que viu e ouviu entre esse tipo e o es-criitor destas linhas, no momen-to do nosso primeiro encontro. Para cúmulo de sua vergonha, é lícito esperar que o indivíduo que dirige a "Gazeta" venha amanhã pôr em dúvida esse testemunho. Está na sua inde-est, no seu caráter. Mas oc-corre por essa ocasião eram redatores da "Gazeta" os srs. dr. Luis Murat, Raul Pompéia e Pi-guerreda Colmbra, a cada um dos quais dirigi cartas concebi-das, mais ou menos, nestes ter-mos:

"Amigo,
Fazias parte da redação da "Gazeta da Tarde" na ocasião em que eu tive a infelicidade de para lá entrar. No interesse de desmascarar a um indivíduo que não trepida em falar con-cien-temente à verdade para me apresentar como calunizador, peço-te que respondas junto a esta:

1.º — Como e por quem sou-beste do modo por que entrei para a "Gazeta".

2.º — Qual foi o motivo decla-rado por que eu saí do Asilo de Meninos Desvalidos. Se esse motivo não foi o que declarei no meu artigo de hoje. Reser-vando-me o direito de publicar a tua resposta, sou, etc. Rio, 8 de março de 1937."

A estas cartas, responderam-me pela maneira que se segue: "Amigo Guanabara, — Fa-nes-me na tua carta, a que me-

diatamente respondo, as seguin-tes perguntas:

1.º — Como eu soube do modo por que entreste para a "Ga-zeta" e por quem soube.

2.º — Como eu soube do mo-tivo que determinou a tua saída do Asilo e por quem soube.

Resposta: — Tendo chegado de São Paulo em abril, foste-me apresentado, oito ou dez dias depois, pelo meu colega e amigo dr. Raul Pompéia, e isto pela razão muito simples de que es-tavas doente.

Neste mesmo dia, se me não enganar, historiei-te a tua retirada do Asilo dos Meninos Desvalidos, tal como acataste de expô-la aos leitores da tua folha.

Entre o que me contaste na-quele momento e o que li em o número de hoje das "Novas" nada há de dissonante ou que altere a verdade.

Foi isto que ouvi de ti. Não há, portanto, se não coerência na exposição que acabaste de fazer pelo teu jornal. Tu, etc. — Luis Murat, Rio, 9 de março de 1937."

Guanabara

Em resposta aos dois quesitos formulados na tua carta de hoje, tenho a declarar-te o se-guinte:

1.º — Por ti mesmo soube eno modo por que havias entra-do para a "Gazeta da Tarde", no mesmo dia em que entreste, na ocasião em que eu, travan-do conhecimento contigo, fa-via-te notar a coincidência de nossa estadia.

2.º — O motivo pelo qual me

disseste haver deixado o Asilo de Meninos Desvalidos é o mesmo que se acha declarado no teu artigo de hoje, 9 do corre-te, isto é, uma divergência en-tre ti e o sr. dr. Daniel de Al-meida, diretor daquele estabe-lecimento, a propósito da co-locação do teu nome no cabeçalho de uma folha acadêmica, "A Panfara", onde se analisava o regulamento da Escola de Me-dicina, censurando-se o pro-cedimento do sr. ministro do Im-pério.

Ficam desta maneira respon-didos os quesitos da tua carta. Sem assunto para mais, sou, etc. — Figueiredo Colmbra, Rio, 9 de março de 1937."

"Meu caro Guanabara. — Em resposta à tua, dada de hoje, em que são formulados os seguintes quesitos:

1.º — Como foi que entrei para a redação da "Gazeta da Tarde" e por quem soube de deuto fato.

2.º — Se não é a verdade in-teira o que se acha contido em meu artigo de hoje e como sou-be do fato que ali narrei?"

Respondo:

Dias depois de o ter visto a V. no escritório da "Gazeta da Tarde", a uma das mesas, como novo companheiro de tra-balho, referi-me em conversa o sr. José do Patrocínio o fato de sua entrada para a folha, falan-do dele como de uma originalida-de simpática. Não posso pre-tisar a época, nem a situação. O sr. Patrocínio não me falou, porém, inconfundivelmente e res-

(Continua na pág. 41)

A FIGURA DE ALCINDO GUANABARA - Gustavo Barroso

A Comédia do Amor -- Aranha Minor (Alcindo Guanabara)

O primeiro detentor de nossos limites patrocina a cadeira mais que honrosa, dada, ao fundar-se a Academia, ao primeiro de nossos jornalistas, Alcindo Guanabara, cuja luminosa inteligência nos seduz, tanto quanto o fundo de tolerância de sua alma, mas grada frías aparências de reticismo, nascido talvez do ambiente político em que viveu.

Cavillier-Henry aconselhava, em crítica, preferir o homem ao escritor. Muitos julgaram, no caso de Alcindo, preferível o contrário, estudar o escritor, deixando de parte o homem. Praticamente o conheci e admirei. Quando do seu convívio illustre uma lembrança suave, nunca a retina esqueceu. Palavras, gestos, atitudes, atos, tudo ele acolhia bem e melhor servia quem dele procurasse. Havia em sua alma uma luz de bondade natural destinada a apagar-lhe os grandes erros.

Alcindo Guanabara foi um homem de letras que o jornalismo aprendeu em suas garras e abriu para as suas crônicas da política, estas nunca mais o largou. Quem ler sua conferência sobre a Bar, quem meditar suas formosas palavras acerca desse maior agente da marcha do mundo ("somma crastina ingenuitatis et partituri"), concluirá que, no conferencista, se amostra claramente o estalo dum grande literato. E ainda o bom gosto literário que preside a seus inúmeros e brilhantíssimos discursos, dentro e fora do parlamento, ou artigos de imprensa.

Na a considerá-lo, mais, na personalidade de Alcindo, uma coisa divisa-se daquelas que têm sido estudadas. A do talento multifórmico lhe reconhecem todos; a de suavidade da alma, desta e generosa, mais crente e esperançosa do que se afirmava, lhe entreviu com sua doce simplicidade meu saudoso antecessor. Resta a de seu espírito construtor, na ordem dos fenômenos jurídicos, sociais, políticos, econômicos e financeiros que se palpa nos trabalhos avulsos dessa natureza. Esse homem não praticava suas teorias, mas dava-as aos outros douradas pelo brilho de sua inteligência poderosa.

Apolônio de Tiana, o grande mago dos tempos idos, após longa e grave discussão com Doutores e Teólogos, na Biblioteca de Alexandria, chegou-se a uma janela de onde se avistava toda a tumultuária e brilhante cidade dos ilustres. E ali, de Tiana, tinha na mão pedaços de papíros e pergaminhos em que escrevia, a nota, no ardor das disputas cabalísticas e metafísicas. Alguns antagonistas o acompanhavam. O mago ilustre estendeu a destra para o espaço colheiteiro, abriu-a e soltou os papéis que a enchiam. Eles espalharam-se no ar, revoluzando, e um a um foram-se transformando em alvas garças, que desapareceram no azul, em todas as direcções. Aos circunstantes espantados o iniciado disse:

São as minhas idéias que se vão mundo em fora. Elas não de posar em qualquer parte e ali construir seus ninhos.

Relendo a obra jornalística, jurídica, social e parlamentar de Alcindo Guanabara, estes últimos dias, fiquei a pensar que ele, apesar de ser um teórico, dos que mandam fazer o que dizem e não o que fazem, realizou no Brasil o lindo milagre de Apolônio de Tiana. Não se negam as suas idéias e elas têm pouso mais hoje, mais amanhã, aqui, ou ali.

(Discursos acadêmicos, v. 5º)

O AMANTE

Não, não foste tu que me seduziste...

Nem pelo bel! Brilhás, mas com o brilho estúpido do diamante, que não tem consciência de seu valor. A beleza está na consciência. Saber que se vale muito é ser belo. Sempre a salvação moral. No moral, real de tudo; o físico não vale nada. Não, não me enamorarei de ti. E's pretensioso pensando que serviste a tua ama: serviste tanto como os quadros que ela tem em sua sala, o sapato que ajusta o seu mimoso pé. Como ornamentação sim, como airoso não. Um olhar não me prende, quer parta de um olho de mulher e me banhe de um banho eléctrico de amor, quer parta de um olho de facinora e me envolva num protesto de vingança. E a parte espectacular que eu desprezo. Dramas, desejo-os a nu; odeio o aparato.

Se amo aquela a quem pertences, faço-o, não por ti, mas apesar de ti, que tens esta forma e este brilho ou outros quaisquer, me é totalmente indiferente. Eu a amaria sempre, porque o meu mal me agrada. O que me seduz é a alma, e eu conheço a alma sem o corpo. Conheço-te a flor sem o vaso. E quando a flor é bela e digna de ser apreciada, toda a gente o faz, quer o vaso que a contém seja de barro, quer seja de porcelana da China. Não, meu orgulhoso amigo, tu foste o vaso a que nem sequer atendi.

OS OLHOS

Mentes. Não se resiste ao meu brilho, que, aliás, é consciente. A prova de que o é, está nisto: — que te compreendo e te respondo. Podia calar-me e fazer como fazem os olhos vulgares, pretos ou castanhos, verdes ou azuis, que ornão o rosto de todas as mulheres: lançar-te um olhar. Em um olhar não vai uma simples resposta; vai todo um sistema, uma teoria completa. Mas prefiro explicar-me, porque quero que todos ouçam, todos: o nariz, a boca, os cabelos, o ventre, a coxa, o pé. São meus colaboradores na obra de tua apreensão e a eles cabe parte da glória.

Dizia, pois, que mentes. A tua teoria é falsa e ridícula. Isso de flor e de vaso é muito velho; já o diziam poetas de 1830; não vale a pena combatê-lo. E a tua nota li-la; guarda-a.

Não acontece isso com o teu medo de pensar sobre o físico. Para ti, o físico é o cenário dispensável, porque a matéria é inconsciente. Mas na matéria reside a vida. A vida é isto: amar. E só se ama a matéria. A vida éssente neste tripode: amar, desenvolver e antiquilar. E tudo isso é matéria, pã ou transformada, e-tática ou dinâmica. Amar é o supremo gozo, é o amálgama dos dois sexos na bestialidade brutal e natural dos animais. Desenvolver é o trabalho do corpo em virtude de si mesmo, é o brotar da nova carne, informe a princípio, segmentada depois, ecarilada em seguida, origem dum braço aqui, esboço dum ventre acolá. Antiquilar é o término dessa matéria, filha do gozo, criada no gozo, morta para gozo dos outros, do; infinitamente pequenos, que obedecem à lei geral, tripudhando deliciosamente na chizna roída em pedos de cadáveres. A vida é, pois, a matéria; seu fim, o gozo. Tu vives; logo és matéria, logo tendes para o gozo. E' lógico.

AS ORELHAS

Apolado!

O AMANTE

Calai-vos. Sois estúpidos como estúpida é a vossa colocação no rosto. Nada tendes de belo e tendes tudo de dispensável. (Aos olhos): Continuai. S-eis um deidos, mas não importa, quero ouvir-vos.

OS OLHOS

Mentes, pois, dizendo que desprezas o corpo e adoras a alma. Diseste mais que não sou belo, não tenho consciência. Ainda uma vez mentaliste. O belo tem sempre consciência de que o é. A adúltera de Bernadelli erguer-se-lhe do mármore se alguém dissesse que era feia. Tolerara-se que se proclamasse a falsidade, nunca a fealdade. A tela ri, o mármore agita-se, a palavra move-se quando são verdadeiramente belos e o beócio os insulta, achando-os disformes. É próprio de sua natureza. A carne não, a carne faz melhor: atrai o imbecil e tã-lo experimenta a sensação do realmente belo, obrigando-o a gozar a sensação de si mesmo. Transforma o beócio num abutre, a inteligência num estômago. Vinga-se, obrigando-o a saciar-se. E' um homem inteligente a quem um amo insulta: dá-lhe a única coisa de cuja apreciação o julga capaz: um jantar que lhe provoque indignação. Tu és o amo, eu farto-te de carne. Toma! A única coisa que te seduziu, em que te pesa, foi o deslumbramento desta carne: a excitação irresistível deste corpo. Toma-o! Goza-o! Nisso está a vida. Histórias tudo o mais; as filosofias são estúpidas. Só existe o gozo, goza!

O AMANTE

Não. A alma está acima da matéria. A alma revive, furta-se à decomposição, evolui-se e vai do novo animal outro corpo. Como isto é soberbo! Quebra-se o vaso, obtém-se outro: a flor lá está, sempre viva, sempre pura. Luz que bruxoleia sempre, quebra-se embora o lampadário! Nisso está o belo, pois que, para que alguma coisa o seja, carece de ser eterna. E este carácter ao o tem a alma...

A PERNA

E esta linha esplêndida que me modela! Burile-a Prazitice, e séculos depois, tu a contemplaras, tu a sentirás excitando-te os sentidos, fazendo-te o sangue fluir à garganta como um punho, tal como neste momento. Continúa.

O AMANTE

(Consigno) E' curioso. Sintome entibiar. Aquela perna dança-me na cabeça, excita-me, como se eu bebera falerno em casa de Aspásia! (Aos olhos): Só a alma é eterna, portanto só reside o belo na alma, porque a alma é a virtude e para mim a virtude é a síntese de tudo. A virtude é o carácter. Em que a matéria se pode equipar ao carácter? Onde a firmeza, a riqueza de que ele se orgulha?

OS SEIOS

Em nós. Ve: somos mais rijos, mais firmes que todos os caracteres. Nenhum há que resista a este tom carminado, a este avulso mais macio que o do péssimo. Toca-nos com os lábios

e sentirás o choque de uma pilha eléctrica. Porque somos uma pilha: em vez de zinco e pólas lo, misturamos e gozo — a síntese da vida. Tu mesmo estás subjugado, prostrado... Não nos dobramos. Os caracteres dobram-se. Temos esta superioridade.

O COLO

Ofusco-te. Que virtude existe que se possa comparar a mim? Onde opulência como a que ostento? Deslumbo-te. Bem o vejo! Cerras os olhos? Levas as mãos à cabeça? Então? Coito! Coitado! (Sorridendo). Se isto tudo te pertence!... Goza...

OS CABELOS

Devem ser muito bonitos os cabelos da alma! Dize-me: são escarlates ou brancos? Os da carne, digo-te, ou já: são estes. Negros como o odio, sedos como o carlino. E sobretudo longos. Vés? Eva já não carcere da folha de parreira. Aperta-a contra ti: a casaca dos cabelos cobri-la-á voluptuosamente.

O AMANTE

E' exquisito: cala-se a alma e o corpo grita! (Surpice o). Que é isso? Oigo gritos vermelhos, clamores rubros! Ah! a besta da carne bruta!

Os olhos, a perna, os seios, os cabelos, a boca dançam diante da imaginação do Amante uma dança voluptuosíssima. Cantam câncões obscenos. Ha uma embriaguez de carne e vinho. Circunlações vibrantes atravessam-lhe a vista!

O CORPO DA MULHER AMADA

Vem, amado! Quero, nova Abigail, quecer este David, envelhecido pela filosofia. Vem, amado! Contorce-me no antepasto do prazer. Tudo é carne e gozo. A alma é imortuosa e insulsa. Por ventura proporciono o prazer? Demos-lhe, quando muito, o lugar de ser sório (sic) de ornato. E' um bonito moel, mais nada. After do culto pela alma o objecto da existência, não é lourura, é ridículo. Tudo se resume nisto: um corpo como eu. V. m. amado! Entrego-me palpitante: satisfaz-me.

O AMANTE

Como era ingenuo! A alma se-cuzia-me, o corpo enlouquecia-me. R sidem o senso e a reflexão, monótonos e profundos, naquela: o gozo e a sensualidade, transitorios e deliciosos. Neste. Ora, gozem por hoje! A vida não é a virtude; é a apoteose da carne. Olhos, tendes razão. Matéria e gozo, eis a síntese da vida. Corpo, satisfaro-te.

Animalidade, entrego-me. Berro, monstro de carne! (Lança-se voluntariamente ao corpo, aperta-o num longo amplexo animal)

1886.

"Novidades", de 3-11-1888)

TUMULUS - Alcindo Guanabara

Vamos, Senhora, percorrer o Egipto E visitar as ruínas antiquadas... Aqui tens, neste livro, bem descrito, Todo o viver das ricas sepulturas.

Tens a religião e tens o rito Dasas populações enlaidadas; Verás a crença estranha e o estranho culto Dessas vidas na morte conservadas.

Mas se te não agrada a digressão Que te proponha, tens aqui meu peira, E' dentro dele tens meu coração.

Olha; e verás a grande sepultura, Onde, num duradouro abraço estreito, Jaz meu amor e minha Desventura!...



Alcindo Guanabara, num retrato da maturidade

UM PERFIL DE ALCINDO GUANABARA - Humberto de Campos

Entre as leis sábias que São Paulo impôs aos almeidas, uma havia: proibindo que se jalses se mal dos mortos. E não era possível, de certo, providência mais justa, mais piedosa, mais humana.

As feras não deoram as leis da mesma espécie, quando as encontram sem vida. O próprio corvo, na sua imundície, não tempe as carnes do corvo. Apenas o homem, que se corroua Rei da Criação e que se diz fôrmido a semelhança de Deus, fôrmido, impetente, sobre o cadáver do irmão.

O necrólogo, o mais fôrmido, há de ser, sempre, um sacrifício. Não há homens perfeitos, como não há diamantes sem falha. No íntimo de cada vida, como no âmago de cada pedra, há de haver uma escarificação, uma escavação de continuidade. E, nesse caso, o necrólogo, ou é impiedoso, porque não perdona, ou é insincero, porque não reflete a verdade.

Alcindo Guanabara, tão maltratado na vida e tão elogiado na morte, é uma dessas figuras que podem ser julgadas sem ultraje nem ilusão. Não foi nem um demônio, nem um santo: foi um homem. Compreendeu a vida como ela deve ser compreendida, isto é, como uma junção em que a sua maior obrigação era esta: viver. Suficientemente esclarecido para não se supor o centro do universo, ou para acreditar que Deus se preocupava com o seu destino, atencioso, discreto, os reclamos do seu temperamento, desde que eles não pre-

judicássem a felicidade do ter-céculo. A glória, para ele, era uma vaidade sem tentações. De que lhe servia, realmente, um nome glorioso? Para que o julgassem depois da morte? Não seria preferível repousar anonimamente no seio da terra, dissolvido nas suas camadas interiores, depois de haver aproveitado, à superfície, todos os prazeres humanos e honestos que ela lhe poderia oferecer? Por isso, podendo escrever muito, só escreveu o indispensável ao brilho da vida — brilho que ele só procurou, aliás, para descobrir os frutos do caminho.

A sua vida pública foi um desdobramento da sua atividade, ou, antes, da sua quasi inatividade literária. Podia ter ambicionado a presidência da República, a chefia de um grande partido, uma situação mais evidente no país e no mundo. Que vantagem lhe traria, porém, esse relevo? O dos montes culminantes, que recebem, antes dos outros, os raios do céu? E como, na sua filosofia, o homem não nasceu para desafiá-los os raios do céu, acomodava-se entre os mais, de onde apenas saía para disputar a realidade de sol, que lhe revelasse a presença em nossa orografia política. Era um Gulliver que vivia em Lilliput e que se abajava entre os pigmeus, por não acreditar, já então, na insalubridade dos gigantes.

Era má, porventura, a sua filosofia? Os pensadores de hoje dizem a antiguidade, sem se lembrarem que eles, os inovadores, são meros restauradores de teorias correntes há vinte mil

anos. E as que a dizem dissolvente, não vivem menos iludidos. O ceticismo é menos perigoso do que a corrente idealista que se vem formando no século. Do cético pode sair o amoral. Mas do idealista pode sair o fanático. Voltare, na sua incredulidade, foi menos nocivo à espécie do que Torquemada, na sua teomania. Se a religião pode fazer o santo, a descrença pode fazer o justo. E o esforço deste será mais meritório, porque praticou o bem por piedade do seu próximo, com a consciência da miséria comum, enquanto o outro a pratica na esperança do prêmio. Tirem ao cético esclarecido a probabilidade da sua ventura na terra, e ele continuará a ser um justo; afastem do crente a certeza da recompensa no céu, e ele talvez não continue a ser um santo.

Sendo um cético, Alcindo Guanabara não meditou, entretanto, as convenções judiciais da sociedade. Viveu dentro delas, sem violência. Dizia um filósofo do século XVII que a ouro só tem valor porque é menos abundante do que a lama; se a lama fosse mais rara do que o ouro, este seria colocado aos pés, passando a lama a ser guardada nos cofres. As virtudes, como os valores materiais, são frutos das convenções. Como o ouro, que é preciso e que também seja as mãos, há virtudes que são raras e que são virtudes não nocivas e que são virtudes não nocivas porque são raras. Há pecados santos, como há virtudes criminosas. Os pecados santos são os que, podendo aumen-

tar a felicidade da espécie, são condenados pelas convenções sociais. E foram esses pecados santos, unicamente esses, que Alcindo Guanabara cometeu, para tornar menos insuportável este intolerável presidio do mundo.

Para os estranhos, Alcindo era um triste e consequentemente, um infeliz. As suas barbas severas, a austeridade da sua palestra, a gravidade das suas maneiras, a aparência melancólica da sua figura, contrariavam, naturalmente, para que o supusessem uma rica concentração de despojos. As irradiações do seu espírito mostravam, entretanto, que ele não havia renunciado às vantagens da vida. A consciência da situação que ocupava no planeta, no universo e na criação, tornava-o indiferente aos valores materiais do seu tempo. E dentro dessa indiferença, ele era, provavelmente, feliz.

Entre as convenções arbitrárias do mundo está a classificação dos entes alcançados pela felicidade. É feliz, para nós, quem nos parece que o é e, melhor, quem possui os bens com os quais nós nos consideramos felizes. E, no entanto, os bens da vida são como as escadas: o que para uns é escada, é, para outros, suplicio. O prazer do martir cristão estava no sacrifício, na tortura do corpo, na humilhação anti-humana da carne. Fustigou João Batista nas orgias de Tibério e ele acreditava-se entre demônios; colocavam Tibério entre os ganhadores de João Batista, e ele se considerava abandonado.

do dos deuses. A alegria de Heráclito era, talvez, a lagrima. Telesu, monge da Cila, morreu de tristeza no dia em que não pôde chorar...

Alcindo era, assim, feliz à sua maneira. Tinha o seu ambiente, como nós temos o nosso. As cores severas, os ares concentrados, o isolamento, de algum, eram-lhe necessidade da vida. Vivia nessa atmosfera como a caride na sua noite, e o peixe no seu oceano. Contentando-se a si mesmo, tirando a vida da sua consciência, não recorria ao tumulto das palavras nem ao cacofonia das atitudes, nas demonstrações do seu íntimo. Para além das nuvens em que disfarçava a amplitude da sua alma, talvez, o turbilhão das estrelas do céu...

Para Alcindo Guanabara, como para todo homem de talento, a vida oferecia dois caminhos. Ao fim de um deles respaldava o trono de Ciro, onde o monarca, rodeado por cortesãos, tinha os braços purificados pelas cadeias de ouro de Arlaxerxes. Era a sua cidade, na sua opulência e na sua mente. No termo do outo, o escravo do deserto, onde o ábaco estava tranquilo, olhando o horizonte, do dorso do seu camelo. Era a vida do solitário. Entre o calceio dourado e a verdade aparentemente mantida, optou pelo de fino do árabe, a desapareceu ao impulso do silêncio onça da morte.

(Carvalho e Roseira)

Notícia sobre Alcindo Guanabara

(Continuação da pág. 33)

volve a propaganda de um programa socialista. Trabalhava em "O Dia" e com a sua assinatura "Pangloss", publica suas espiçadas páginas literárias. Em 1901 e 1902, colabora em "A Universal", e revive os velhos pseudônimos de "Diabo Coxo" e "Marelo".

É nomeado redator chefe de "O País", e ali fica até 1905. Entre os seus trabalhos ali, é preciso lembrar a campanha (em favor das providências financeiras que acabaram por prevalecer, e que tomaram o nome de "Convênio de Taubaté").

Na luta de Rui Barbosa contra Hermes da Fonseca, vemos Alcindo, Guanabara na "Imprensa" (jornal que ele fundou) fazendo a campanha do candidato de Pinheiro Machado. Foi, como observa Alberto Faria, "o partido menos feliz, se não totalmente destruído, do notável jornalista".

Em 1918, estava Alcindo Guanabara no Senado, como representante do Estado do Rio. Era um dos grandes trabalhadores da causa, apresentando sempre projetos de interesse nacional, discutindo sempre os assuntos de verdadeira importância para o Brasil. Lembre-se, por exemplo, que em agosto de 1917 ele apresentava à consideração de seus pares um excelente projeto de proteção e assistência à infância desamparada, projeto que já era repetição de um outro, apresentado por ele mesmo quando deputado, em 1896.

No dia 19 de agosto de 1918, comparecia ele ao Senado, tomando parte nos trabalhos da Comissão em que figurava — a Comissão de Poderes — e apresentando um parecer que mereceu a assinatura unânime dos seus colegas. As 9 horas da noite, desejando regressar à casa em que estava passando uns tempos — que era na rua Gustavo Sampaio n. 62, no Leme — tomou um taxi. No caminho, sentiu-se mal. Mandou o taxi parar na residência do seu médico, o dr. Castro Barreto, que era também na rua Gustavo Sampaio, e pediu que este facul-

tativo o socorresse. Seus padecimentos se foram agravando, não obstante os socorros que lhe eram dados pelo médico. Embora se sentisse tão mal, Alcindo Guanabara deliberou partir para casa. Quando se foi levantando da cadeira em que se encontrava recostado, roçou no chão, em estado de coma, transportado para um quarto da casa do dr. Castro Barreto, ali faleceu. Cercavam-no as pessoas da família desse médico, e as pessoas de sua própria família, que haviam sido chamadas às pressas. Eram cerca das 2 horas da madrugada. Pela manhã, o corpo foi conduzido para a casa onde ele morava.

Dali, às 9 horas da manhã do dia 20, saiu o cortejo fúnebre para o cemitério de S. Francisco Xavier.

TRECHO DE UM POEMA EM PROSA

Alcindo Guanabara
Custo amargo de infelizer, celoso pungir de arêdo espinho, salvei Sinto que me empolga e vivo dominado por ti, misto de pesar e tortura, de sono e de dor, riso e lágrimas, satisfação e tristeza!

Tenho todas as alegrias que tive por uma repugnância que tem tanto de alegre, como de triste. Meu repulso nada me juízo e se eu não me achava em ti, vejo que a vida me solicita e me repeli; sinto que vivo e admito-me de não morrer. Ver-me nos labírios dos bandos alegres de sorrisos que há pouco adormeciam sobre eles para fugirem apressados, deixando-me na frente o silício enigmático da tristeza. Dentro do meu peito o coração pulsa pela lembrança do que já foi, soando com o tom fúnebre de um sino tocando a finados; e de repente esse dobre lento e trágico sinto tem alguma coisa do hinhalar alegre dos sinos das capelas de aldeia.

Oien cantar um cântico; e tanto penso que a voz dela, como que é o pranto penoso de uma carapideira. Não vejo e não distingo o que é; vivo o que foi e o que é que há de ser.

No fundo, sinto-me inteiramente feliz e aborreço-me de me torturar agredimento que se me tortura agora, garantindo-me que já tive um momento de prazer.

Primeiro encontro com Bilac - Alcindo Guanabara

Há três anos, o obscuro escritor destas linhas estava pela primeira vez na Academia de Medicina, com uns ressaltos apalermados de calouro a manifestar a sua admiração por tudo aquilo, visto, pela primeira vez, de relance e às pressas.

Entre no anfiteatro de anatomia: a um canto, em torno de uma das mesas de mármore, onde se estendiam os cadáveres, estavam cinco ou seis rapazes, pernas cruzadas, fumando e palteando. Sobre a mesa, um grande naco de jornais.

Mai me viram, romperam numa troca despidiada, caíram sobre a minha nulidade de calouro com toda a sua superioridade de quintanistas, ferinos, crucéis, levados do diabo!

Eu, com esta santa palermice que Deus me deu, encostado ao postei, olhava para o teto e fumava com uma placidez absoluta. Enquanto não me chegassem ao pelo, tudo ia bem! De repente um deles, que eu com o meu espírito de justiça reconheci ser feio, mas ainda assim menos do que eu, adiantou-se para mim com uns ares de gravidade:

— C doutor vai assinar isto — e apontava para o naco de jornais — para adquirir direitos à nossa eterna gratidão.
— Que é que vem a ser isto?
— A "Gazeta Acadêmica". Folha que advoga os interesses dos estudantes, muito útil, muito conveniente, muito vantajosa, muito...

— Bom. Quanto?
— Dois mil réis.
— Passe o recibo.

E daí a dois minutos, eu tinha em mãos um número da "Gazeta Acadêmica" e um recibo onde se lia esta assinatura: Olavo Bilac.

Ora, eis aí como eu, pela primeira vez troquei duas palavras com o Bilac que era por aquela ocasião terei o quarto pineta e que em companhia do Monteiro Cordeiro, do Anastácio

Viana e de outros, enchia a nossa "Gazeta" de boa prosa e de melhores versos.

Depois, atufado nas preocupações do estudo, divorciado, por efeito de meu temperamento selvagem, das rodas dos rapazes, perdi de vista o Bilac, sem que contudo o houvesse perdido de nome, que sempre se impôs à minha admiração.

Um belo dia, depois que entrei pelo mundo literário como multa gente entra pelo Senado, encontrei de novo o Bilac que havia feito o que eu fizera: mandara a medicina à fava depois de estar no quinto ano, preferindo a pena ao bisturi.

Tendo nascido para poeta, não dava absolutamente para fazer de cirurgião! Alinhou a terapêutica e a patologia e começou a cantar, a cantar e a ver a gente em torno dele passava do modo porque o fazia!

*

Tudo que aí está, veio para dizer simplesmente isto: o Olavo vai ser bacharel. Acabo de encontrar sobre a minha mesa o seu cartão de despedida; parte para São Paulo a conquistar o seu canudo que lhe dará cinco anos de vida de estudante e o subsequente direito de morrer a fome. Em todo o caso e pois que não queres privar a Faculdade de São Paulo — que tem recebido o que de mais illustre temos nas letras — do prazer e da honra de te receber em seu seio, vai, meu caro Bilac, e volta breve, poeta como ninguém, bacharel como toda a gente... Menos eu, justiça se me faça.

*

Não terminemos sem combater uma injusta do folhetineiro do "Jornal do Comércio", "Oleio das Botas", não tem razão, quando as mete no diretor do Asilo de Meninos Desvalidos com uma insinuação de mofinheiro. Quer? Pois bem: convenhamos que aquilo não é o ideal; mas, pelo amor de Deus! se há casa onde existam ordem,

asseio, economia; se há casa onde os pequenos se mostrem pelo exemplo e pelo trabalho; se há estabelecimento onde com certa circunscrição e com dedicação, é preferível e aqui, meu caro Chico!

Tu nunca lá foste, com certeza, meu velho; vá, dá um p. 3 ate lá, em qualquer dia, a qualquer hora, corre aqueles doatórios, entra naquelas oficinas, admira, e vem depois das Cerejas da sexta-feira próxima, voltar em "penitente" convencido.

Anda, malvado!

(Novidades de 22-4-1887.)

UM MOMENTO DE PRAZER

Alcindo Guanabara

Não sei de nada mais raro, não sei de outra coisa que tanto escasseie à misera humanidade como isto que se chama um momento de prazer. O que existe o prazer? Nos olhos da mulher amada, diz-me alguém ontem um galanteador de oitocento; a ventura consistir e em vermos a própria fisionomia reproduzida numa retina negra, como na lâmina de um espelho.

Não sei se isso é verdade, porque nunca houve uma retina assaz desocupada... Se a fixar sobre as e repugnante inseto; mas o que sei e que nada tem sido tão difícil — a mim, como gozar um momento. Pois este pungir que me assilge hoje e a coar: a neça com um momento de gozo. Saboreio-o com a voluptuosidade de um estólido, morrendo calmo, tranquilo, vivendo da própria morte! Pudesse eu, e a vida inteira viver a assim, apurando neste sofrimento dulcíssimo, parcerando este gozo, sofrendo esta delícia!

(Notícias — 10-7-1837.)

RUBORES - NOIVA

Aranha Minor
(Alcindo Guanabara)

Aranha Minor
(Alcindo Guanabara)



CRÔNICA DA SEMANA SANTA

Aranha Minor
(Alcindo Guanabara)

Trêguas às maldades dos homens, suspendam-se as hostilidades cotidianas, termine o fratricida da humanidade! Exaltamos na quadra em que as e latrões se lembram de seu Deus e tem lágrimas de compaixão para aquele cordeiro de bondade que se deixou sacrificar por amor de nós todos. Andam enchendo o solo das raparigas românticas lágrimas de pesar profundo pelo perfil sumiço do Cristo, morrendo com uma resignação estoica no alto de sua cruz negra, e tendo palavras de perdão para a raça de farsistas que o sacrificavam.

E uma regeneração de costumes feita ex-abrupto à simples advertência da folhinha que assinala eloquentemente e silenciosamente a grande data do cruento sacrifício. Veremos desfilar religiosamente em uma orgia de lágrimas a turba dos fiéis que se não podem ter sem se irem prostrar diante da imagem do Senhor Morto cheio de enganos e com braços moveis. E quando do alto do púlpito o sacerdote, influenciado pela fé que lhe inunda o peito, agitar sobre as cabeças curvadas dos fiéis o grande sudário que contém a virginal sagrada, rebentará explosivamente o coro de lágrimas que afogará os corações muito cheios do pesar, muito invadidos de gratidão. O tipo romântico do Nazareno, passando através das multidões revedido da grande calma dos deuses, preparando a sua suave doutrina de paz e de amor, e caminhando para o suplício com essa sacra e heroica abnegação em que morre pela humanidade, há de nos fazer a todos muito mesquinhos, muito baixos, muito cheios de torpezas. Por momentos sentirão todos a dureza resultante da aplicação conscienciosa do noze te ipsum, escrito no alto dos antefatos de anatomia e o arrependimento assaltará os mais tímidos e a regeneração aparecerá aos olhos audazes...

Depois virá o sábado. Alleluia! Alleluia! Hurrá pela vida, com todas as suas indignezas, com todas as suas indignidades que lhe são inerentes e que constituem parte insuperável de seu modo de ser! Fora a época das lágrimas, fora a glória de orações, abaixo o público convencional! Pasmarão todos de que se houvesse incomodado por tão pouco e a si mesmos, mais ingratos ainda que os farsieus, perguntarão por que carga d'água tiveram lágrimas a recordarem o sacrifício do Cristo, como se não fossem essa mesma a sorte de todos que se metem a Cristo!

Está benta a água da pia baptismal, está feita a consagração da pedra d'ara!

Muito bem: demos provas de que somos bons católicos. Cristo ressuscitou: vamos aos regaios deliciosos da Páscoa, aos belos jantares em família onde se pisam os pés os priminhos namorados, e onde se refestela com grandes ares patriciais o pater familiaris...

Deliciosa época, adorável quadra onde o profano se confunde com o sagrado, a hipocrisia com o sentimento em um amálgama inteiramente consolador e profundamente humano...

(Novidades, de 7-4-1937.)

Então com que havia alguma consumida, assim, naquela longa coisa desconhecida para ela e inartístico terrível e ignorado, que tinha a habilidade de se meter lá, tão no fundo do seu eu, que nem sequer a pressentira?

Pois de certo, havia! Se não, como se explicavam estas ansias de ver, esta fúria de sentir coisas que ela ignorava mesmo quão fossem?

Porque estas frêmitas que a sacudiam assim, nervosamente, agora que estava ali, recostada à janela do seu quarto, enfiando os olhos pelo azul do céu, soando com anjos louros a brincarem num delicioso abandono de infância perpétua?

Mas coisa terrível devia ser esta que se aninhava dentro dela com a astúcia de uma cobra e que revolteava agora em seu seio, espiralando o corpo, com um agitar de cada invulso, fazendo-o bulir e bulir o sangue, que a língua de largas manchas rubras. Terrível coisa esta, que não pudera pressentir em quinze anos e que a surpreendia agora, obrigando-a a aquela exaltação sem causa, distendendo-se-lhe pela medula arrepiando-lhe a carne numa sensação indefinível de frio abrasador e emprestando-lhe o resacasamento muscular da ansia mal contida de um prazer ignorado!

Mas o que era aquilo, Deus do céu? Por que ela, que era tão boa, que nada tinha feito, havia de sofrer todo aquele tormento?

Porque as outras não o sofriam, de certo. Nunca lhe contaram nada... E entretanto contavam-lhe tantas coisas! Ah! como ela desejaria, agora, ainda ser aquela pequena de sala curta, perna à mostra, a correr como uma endiabrado pelo pátio do colégio, ofegante e vermelha, os cabelos louros apontando-lhe amorosamente a face, atrás do bando de borboletas brancas, rindo deliciosamente quando o canaço a aterrorizava para cima do capim que verdejava lá no fundo!

E mal podia compreender porque motivo não queriam mais que ela brincasse como antigamente, e corresse de sala curta, perna à mostra... E insensivelmente, só com lembrar-se de poder mostrar-se aos outros com um pedaço da perna ajustado à meia cor de carne, encheu-se de uma perturbação incompreendida, encolheu-se, toda vermelha, dentro de si mesma, como se tivesse pensado em uma coisa terrivelmente abominável.

E corria de vergonha, o rosto em fogo, passava repetidamente a mão pela face e comprinha o seio, que, como uma pequenina onde se agitava naquela estranha fúria e refluxo, e a chuma dos cabelos longos que fervilhavam lá dentro, sem que ela o soubesse, assaltava-lhe a mente e escapava-se pelos olhos naqueles raios fúlbros e vibrantes, que fugiam pelo ar, dançando, deslumbrando-a, prostrando-a numa moleza galante de pomba apaixonada.

E tinha uns tremores vagos, recelos, que se não acentuavam, de coisas desconhecidas que lhe apareciam ao mesmo tempo deliciosas e horribles. Levantava-se do seu corpo, branco como uma pétala de camélia, um só por valente de carne que despetia. E aquela mistura de tons fortes de carne, e mais fortes pátidos de inocência, banhava-a de cores mal entendidas, de um rubro que a assaltava subitamente, da uma palidez que vinha inesperada.

E ficava ali, junto à janela do seu quarto, vendo o sol derrocar-se sobre o campo, esbraseando as rosas que lhe enviavam perfumes enervantes; e ainda que com os olhos parcos naquela orgia lá de luz, não lhe enviava um olhar inteligente, toda preocupada com o esbraseamento em que ela própria ardia. Passava os dedos pelo pulso, sentindo o gorgorilo apressado do sangue nas artérias, fulmando que ardia em febre, uma febre voraz que a

Realmente era incompreensível aquilo! Pois como se entendia aquele sofrimento agri-doso, dor mosqueada de prazer, acobramento cheio de salvação, que lhe constituía a vida, depois que soube ser amada, depois que lhe confessou aquelas galantes rapas que lhe povoavam o espírito e lhe habitavam o coração?

E ficava muito admirada do que lhe ia pela alma, sem compreender a própria severidade que tinha para consigo, ansiosa por lhe dizer tudo quanto sentia por lhe contar minuciosamente todos os sonhos que tivera, desejosa de sonhar com ele o seu futuro brilhante, pontado de satisfação, que lhe aparecia como uma nêga de céu azul, pontada de estrelas.

E todavia, só com recordar-se do dia em que ele a dominara, abalava pudicamente a cabeça, toda ruborizada, o seio arrojando agitado, como se as palavras que lhe caíam nos ouvidos fossem gotas de linfa ardente que lhe incendiassem o sangue, a gorgorilar precipite pelas veias. Deixava cair o bordado e ficava muito quieta, silenciosa, alheia ao que a rodeava, a ruminar intimamente o prazer dessa confissão que não sabia porque, lhe semeava no rosto as rosas rubras do pudor. Vinham-lhe nesse êxtase, pouco a pouco, todos os profetismos e as felizes que eram o seu encanto e a sua vida desde que aquele amor lhe assaltou o coração e se lhe hospedou no seio como um aspide delicioso e astuto; cantava-lhe ao ouvido, a música deliciosa do amor, a voz dele, e beijava-lhe os lábios e afechava-se-lhe aos pés, humilde e suplicante, ele que era forte e valeroso, que se atirava à vida potente e franco, lutando atrevido e audaz. Saboreava aquela superioridade do mulher e de rainha, aprazava-se em fazê-lo tornar-se criança com ela, correr por entre as alamedas e perseguir os beija-flores e atirar-se cansado ao fundo da chácara sobre a relva fresca, onde ela se assentava, pagando-lhe generosamente o espantamento em que estava, com um longo beijo que estalava no silêncio morno do arrabalde monótono. Depois vinham as carícias, os galanteios cruzando-se sucessivos, incendiários, velozes, e os beijos sucedendo-se, os estalidos cortando o ar como as fajãs, quel-mando-lhe os fados, irritando-lhe as carnes e alguma coisa de incompreensível e de misterioso a excitava, pondo-a como pontas de alfinetes. Levantava-se perturbada, desviando os olhos de tudo, vendo risadinhos de moça nas rosas que, debriçadas das hastes, se estendiam pelas curvas dos concheiros, mexendo de um escarlate glauca da grama. Rocolhia-se então ao seu quarto, ao seu delicioso quarto de donzela, em que achava tão grande prazer outrora e que lhe parecia agora tão nu, tão solitário, tão pequeno para conter o seu corpo puríssimo de virgem! Já não se estendia no canapé que se abandonava a um canto, ebrindo os braços num enlameamento saúdoso.

Parcia-lhe tão mesquinho aquilo! Ah! se ele estivesse ali, enchendo de vida e de alegria aquele ninho quente e confortável! Como se mudaria tudo! Quanto risos teriam as flores de sua "corbelle", como seria alegre a cúpula rubra de seu cortinado! Enchia-se-lhe o peito de uma perecível dor, afogada em saudade. Num estremecimento ansioso que não compreendia bem mas que a agitava, que a enchia de uns abalos novos, de uns desejos indifiníveis.

Subitamente, toda ela estremeceu, como se fosse apinhada numa falta vergonhosa e abazava a cabeça, mergulhada num banho rúco de pudor, como se estivesse a ouvir a confissão do amor dele, murmurada ao ouvido, em palavras quen-

tes que lhe lambiam o rosto como línguas de fogo. Protestava não se lembrar mais disso, indignada contra a sua franqueza, que a sujeitava assim a lembrança de um homem que estava — aquelas horas — quem sabe? — a vir e a gozar por esse mundo de Cristo!

Uns ingratos os homens! Elas — coladinhos! — ali estavam metidas entre quatro paredes, anofinadas por causa delas, submissas, suspirando por um sorriso; e elas andavam despreocupadas e contentes passando o tempo pela rua do Oxidador, divertindo-se em todos os teatros, num desprezo completo de suas angústias. Vinham-lhe queixas amargas contra o zero, a condenação geral, inflexível, logo atingindo todos como uma excomunhão lançada por uma grande deusa.

E pouco e pouco, como se uma voz íntima lhe falasse, vinham-lhe os pruridos de exaltação, assaltavam-na os fatos apresentando-o bom, submissos, lutando pela vida como um farol que era, e dobrando-se-lhe aos pés, fraco como um amante sincero. Lembra-se de seus passeios, à tarde, juntos, pela estrada fora muito branca, serpenteando pela encosta, e ouvindo as risadas dele, alegre com a sua presença, cheio de contentamento por lhe ouvir os gritinhos medrosos diante de um inseto, os pasmos que ela manifestava ao ver as flores que ele lhe ia buscar por entre os espinhos que bordavam as margens arenosas da estrada.

Não! Ele não era como os outros, recua de ingratos, que vinham de ouvir os soluços das mulheres e o estouro do "cham-pagne"! E, sentada sobre o canapé, olhos semi-cerrados, naquela claridade d'ibis coada pelos frestas da veneziana, via-o aproximar-se dela, forte e grande, tendo a vida toda dependente de um sorriso seu, pronto a emborcar-se, a fugir dali eternamente errante pela terra, condenado por ela, ou a ajoelhar-se e viver a vida toda na contemplação mistica de sua pessoa.

E enchia-se de glória, de uma satisfação grandiosa, tomando um ar soberbo de água doce, da água estendendo as mãos compridas e finas, como num ato de misericórdia, e perdendo a um culpado e a receber um amante.

E abandonara-se longamente no canapé, ansiando uns estremecimentos incompreensíveis, afogada na trepa que caía sobre seu corpo e que a enchia de umas apreensões novas de amor e de cuidados, de pudor revoltado e de desejos inexprimeis, indifinidos...

A FELICIDADE DE TER UM CALO

ALCINDO GUANABARA

Eu sei que a vida é triste é que não vale dois caracóis; mas hoje não sei que é que há de novo pelo azul que estou sentindo, uma ponta de satisfação em ter um calo que me dói, e que é o mais flagrante sinal de que vivo. Naturalmente, de meu leito vim disso mesmo: de eu sentir que uma parte do meu corpo está sendo flagrada pela dor. Não compreendo a vida sem isso, porque eu não compreendo a satisfação absoluta e porque não há gosto sem desgosto.

Aqui sepultado na comodidade de beatificas de minha poltrona, sinto lá fora a luz afogando alegremente a natureza ouço o bulício e o movimento do povo que passa, e chega aos meus ouvidos nálio nas janelas do provencauze.

Por sobre tudo isso, dá-me o calo, que faz neste momento para mim o papel do escravo acompanhando de perto os triunfadores romanos: "lembra-te que és homem".

("Novidades", — 37-4-1937).

A SAUDADE

Alcindo Guanabara

Nada existe que melhor idêla do que o que deve ser o céu e o inferno, que este delirio pungrido de acervo espinho que se cravava na ti. saudade!

Gosto amargo de infelizes, deixa-me que te saboreie. A ti que és mais doce que o mel do Hymelo e mais amargo que o fei e o vinagre que deram ao Cristo!

(Novidades — 10-7-1937).

A propósito de Shakespeare-

Alcindo Guanabara
(Aranha Minor)

Correspondência de escritores

Carta de Alcindo Guanabara a um amigo

... nebuloso, incompreensível, cheio de ira e de dor, mas profundamente, verdadeiramente humano?

Estas palavras que se ficam tive eu a julgar de as escrever na minha obra em que pus a minha paciência e a bondade da crítica. Mas sr. dr. Eduardo Brazão, tomando a liberdade de apreciar a interpretação por ele dada ao controvertido caráter de Hamlet e aplaudindo-a sem reservas. Eu bem sabia quanto me meti a escrever aquelas malandras linhas que estava a escrever por pura afeição e timidez por parte da minha ignorância e da minha incompetência em matéria de crítica literária ou dramática; e fazendo, como fiz, concessão plena disso, contava com a benevolência dos leitores e com a complacência dos outros. Um destes, porém, o meu illustre colega sr. dr. Valentim Magalhães em o último número do "A Semana", tratando com grande proficiência do mesmo assunto, encerra-se de horror por ver escrito aquilo que eu desta minha pena afeta ao fabrico de teias, mas luctuosamente hospede nestas transcendentes questões de crítica dramática.

Pois que o meu illustre confrade, pondo entre aspas a heresia que lá está acima, não se tenha dignidade de dizer quem foi o bocejo que a escreveu, eu poderia deixar-me ficar muito quieto e aproveitar a lição sem mais cavaco, enviando ao censor um cartão de agradecimento por m'a ter dado gratuitamente; mas como não desço ter fôros de pai desmaturado, peço licença para reconhecer o filho, apresentar ao alto critério do sr. dr. Valentim Magalhães as observações que me sugere a sua contestação tão convincente, quanto pouco gentil, e para isso averbarmos que o sr. dr. Valentim Magalhães se surpreende com o fato de estarmos todos de acordo em dizer que os heróis de Shakespeare são homens e aplaudimos os monstros que a tradição da tragédia nos apresenta no palco; que o sr. dr. Valentim Magalhães não compreende, não aceita e não admite um Hamlet nebuloso, incompreensível, trabalhando pela dúvida e pela incerteza; que o sr. dr. Valentim, afinal não concebe que um caráter assim seja profundamente, verdadeiramente humano.

Antes de tudo, eu devo declarar que Lito é uma questão meramente literária e que não cuido aqui de discutir a interpretação dada por Pulgano ou Sicrano; trato apenas de provar que a minha frase em relação ao Hamlet está bem adrinhada, e não é assim uma tolice tão chula, que mereça ao meu distinto confrade as lamentações que lhe provocou.

Dizer que Shakespeare é um profundo conhecedor da alma humana é repetir uma frase que por muito dita já tocou as ralas da banalidade. Nenhum poeta dramático tem revelado tão profundo conhecimento da alma humana, e por isso também nenhum tem sido tão verdadeiro no desenho dos caracteres de seus personagens.

Shakespeare surpreende sintomas das impressões rápidas que a alma humana experimenta e sabe fixá-los e tal sorte que o menor deles dá perfeita ideia das paixões, da índole, da tendência de seus personagens. Do centro de todos os heróis de suas peças, ele os define e os acentua fazendo-os mover-se e falar como o fariam de *motu proprio* se tivessem vida. Empréstando às suas criações os sentimentos que ele surpreende à alma humana por um estudo e uma observação surpreendente, ele as deixa pensar e agir segundo a lógica da natureza e é daí que resulta a flagrante verdade de seus personagens que se representam de tal sorte ao espírito do leitor, que é preciso admitir que os próprios monstros, se existissem, deviam ser como ele os pinta.

Esse cunho de toda a obra de Shakespeare é reconhecido e proclamado por quantos competentes a têm estudado e criticado e ninguém hoje se lembra de contestar que os heróis de Shakespeare são homens nas paixões, no caráter e na índole. A questão que se tem discutido resume-se em saber se cada herói deve ser considerado um indivíduo isolado como pretende Pope, se uma classe de homens como entende Johnson.

Ha quem pretenda que se pode conciliar estas duas opiniões, acimilando que os personagens de Shakespeare sejam indivíduos de uma natureza muito particular, mas que tem uma significação mais lata e cujas teorias se podem aplicar com um caráter de universalidade.

Antes de mais nada, o que é bastante saliente na obra de Shakespeare é o intuito de animar cada herói de um sentimento humano e o colocar, animado por esse sentimento, num certo meio, onde ele se desenvolve, lógica e fatalmente como se desenvolvesse em identidades condições na vida real. Aquel está a superioridade de Shakespeare; a arte pela e para a verdade, levada ao extremo do escrupulo que tem na linguagem de seus personagens perfeitamente adaptada à sua posição, no momento e ao assunto. A humanidade de seus heróis vem antes de tudo da humanidade dos sentimentos que os sintetiza: cada herói é uma ideia encarnada, cujo desenvolvimento ele com a sua grande arte e o seu perfeito

conhecimento do coração do homem faz com tal habilidade, que não se acredita estar diante de um produto de sua imaginação.

No palco estes heróis não podem ser nem mais, nem menos do que o são na tragédia. Pretender, por amor a verdade, que estas sínteses de paixões e de sentimentos, violentos e energias, tenham a bandieira de monstros ou o arrolhar de pomos e pretender que se fale exaltadamente aquilo que se quer que vingue. O naturalismo no teatro, como em tudo o mais, não é, nem pode ser a negação absoluta de tudo quanto até hoje tem sido feito; não é nem pode ser um "auto-de-le" que consuma os moldes imperecíveis dos diversos generos da arte. Muito ao contrário, se os intuitos de naturalismo e nobilitar a arte transformando-a em fidelissimo espelho da verdade, ninguém tem o direito de exigir que os heróis de Shakespeare sejam apodados da realidade em que o poeta os colocou, criando-os, por uma intuição da verdade traçando a arte, como a encarnação de sentimentos humanos. Não se concebe, por exemplo, que seja real, que seja verdadeiro, que seja natural o crime sangüinario e feroz de Othello, em cujas veias corre o sangue quente dos deus da terra, explodindo em suspiros e em gemidos e ressignado. A verdade é que o crime quando leva o homem ao cavalamento do assassínio é violento, irrompe com fúria, como uma corrente que quebra os diques e leva o homem a semelhança da besta feroz.

Eu já disse que não estou discutindo interpretações; nego simplesmente que a convencional do tipo da tradição pelo fato de ser velho e justificado o aplauso com que o coroamos reconhecendo, enfeitando, que os heróis de Shakespeare são humanos. Humano tanto é o crime levando ao ódio, a fúria, ao desceio, ao sacrifício, a brandieira, a lágrima, ao suicídio. A verdade no teatro é ser feroz como um tigre com um, e ser manso como um cordeiro com outro.

O meu illustre contraditor não admite um Hamlet preocupado pela dúvida e pela incerteza e coloca-se por essa linha numa brilhante exceção a todos os comentadores e críticos do grande poeta inglês.

Parce-me que o meu honrado confrade entende ser Hamlet um sujeito muito resolvido e muito deliberado a umas tantas coisas, que se finge doir o no intuito de descobrir o crime do rei, sem que nada o preocupe, sem que se impressione mesmo com isso. Um espírito lucido e uma resolução inabalável e firme. Aqui é que bate o ponto e lamento extremamente, que todos os comentadores e críticos em desacordo com o sr. Valentim Magalhães. O tipo de Hamlet que se sente saltando da tragédia shakespeariana é exatamente esse "nebuloso, incompreensível, cheio de treva e de dúvida" que eu tive o desprazer de preterir, e esboçar não fazendo mais, diga-se a verdade, do que repetir o que a sociedade tem sido dito. Hugo chama ao Hamlet a tragédia-solito, dando nesta frase a ideia o tipo indefinível, perturbando pela preocupação do destino humano que a enche de toda sua grandez.

Schlegel compara esta tragédia "a uma destas equações irracionais que nunca podem ser resolvidas e nas quais fica sempre uma fração de grandez desconhecida". E o eterno problema que desde sempre assalta ao espírito humano; e é a eterna pergunta: se não valeria mais dar cabo da vida que suportar toda a sua cruz; e a eterna dúvida sobre o que ha de vir — que se apreça a o espírito impressionável, fraco e irresoluto de um príncipe". E ele mesmo que o mundo, não vê todos os sofrimentos, todos os desgostos e todas as contradições poderem ser tão facilmente eliminados por um punhal que não é vibrado somente porque ainda nenhum viajor voltou das fronteiras da morte:

For who would bear the whips and scorns
of time
The oppressor's wrong, the proud man's
contumely
The pangs of despised love, the law's delay,
The insolence of officer, and the spurns
That potent merit of the unworthy takes,
When he himself might his quietus make
With a bare bodkin?

But that the dread of something after the
death —
The undiscovered country, from whose
bowm

No traveller returns — puzzles the will...

E' um preocupado, é um irresoluto que procura sempre criar dificuldades para si mesmo, seguindo esse processo extracurricular em te humano de enganar no próprio espírito, encampando a sua falta de resolução, a sua incapacidade para agir como os protectores que inventa. E' um tipo que cre e não cre; que se atorraxa com a imagem do pai no momento da aparição, para logo depois, quando a não vê mais, indagar se não foi vítima de

(Continua na pág. 42)

Alcindo Guanabara

O portador desta carta, sr. Francisco Soares de Avelar, é um velho amigo meu. Infelizmente, é industrial nesta terra e o fisco está-lhe quase a arruiná-lo. Creio que você — à vista do voto que já proferiu — pode, se não salvá-lo, ao menos adiá-lhe a ruína. Elle lhe contará por miúdo a coisa; e o que puder fazer por elle será feito ao

Am.º mt.º grato

ALCINDO.

Aranha Minor
(Alcindo Guanabara)

A felicidade --

A filosofia é árida; pensar ri transitando pelas alas de enlouquece ou mata. Se somos frívolos e não conseguimos nas coisas da terra, nem nos sentimentos do homem. Passar a vida a ir numa desproporção absoluta, eis a felicidade. Saber ser nulo, eis o valor. Na vida vencem os fortes; e os fortes são os que tem um gesto de desdém para todas as coisas e se abrigam dentro de sua inutilidade, como dentro de uma couraça. Poder ser de cera e tornar resignada e alegremente a forma que a necessidade nos imponha, é a maior virtude e a mais assombrosa qualidade que pode ter um vivente.

Reagir é aniquilar-se. Ter o cérebro constantemente trabalhado por uma preocupação abstrata ou material e idiota; ter essa preocupação sem um objetivo determinado, lá dentro e fora de nós, lá a dominando a todas as horas e a todos os instantes, já não é ser idiota, é ser doído varrido.

O que mais desconsola e o que mais fere é que, apesar desta certeza, ninguém é capaz de abandonar de si, para preservar do cérebro todo este arsenal de pensamentos e cogitações, que nos vão justificando o lugar no Hospício de P. dro II. Caminhava para a loucura com a impossibilidade retida do ter o caminhar para o mal. Não ha revolta, não ha rebelião; a fatalidade enche-nos o cérebro de teias de aranha, obscurece o raciocínio, suprime o juízo.

Assim amputados, a loucura oferece-nos a mulher a que nos espantamos para chegar a eva. E' ténico, mas é verdadeiro. A vida deixa de ter s.a.: ninguém ri transitando pelas alas de um cemitério, a menos que não seja um louco, ou um par o. Ser parvo é a maior ventura da vida, porque para que se encontre gozo no tormento é necessário não ter o. A vida nem de uma, nem de ou ra coisa.

A um suicida ouvi eu esta declaração, a mais rara e a mais sincera de quanto: tem ido a morte; morro porque a vida me aterra; e aterra-me porque tenho consciência dela. Tu, velho bocejo, que lá estás diante de mim com a parvoceia a exorcer pelos cantos, das tuas boças sorriso fardoso, tu tens vivido mais de meio século e viverás a eternidade sem sofrimentos, sem amargura, sem desesperos.

Tu, reptil, és um bom material e para che-amos a es e resultado passamos não a este em ação nem a tua atividade, nem a tua inteligência rudimentar, nem o teu trabalho, nem a tua vontade; nasceste parvo! Vês as coisas mais tristes, a mais alegre das coisas; e do desequilíbrio do teu cérebro tiras o equilíbrio do teu e pensamento. Vives na morte e tens a mais tranqüila das vidas.

Sonhas com ser papa e te contentas de ser o que és. A ambição é tão grande que se anula! Venturosos bestas!

Não pensar, não sentir, portanto, não sofrer. Ser parvo, ou ser louco, eis a felicidade. Sonhamos tu eis. Rimos de tudo; e do poderemos ser o mais feliz dos homens ou o mais do sonar. Fingir também é uma qualidade que por ser muito difícil parece-nos difícil.

(Noivada, de 26-7-1887).

Trecho de um livro inédito - Aranha Minor

(Alcindo Guanabara)

VIVAMOS A DOR

Aranha Minor

Madrugava. A cidade despertava aos poucos, preguiçosamente estremunhando, tendo grande dificuldade em soerguer os palpebras. Sobre a casaria silenciosa e negra caía uma treva diluída, fina, como se um enorme véu transparente de crepe descesse do céu à terra. Havia nas ruas longas e tortuosas um alívio pesado, a como do trabalhador pertinha que se atira ao leito depois das suas doses horas de trabalho consciencioso. Aquela hora, a cidade estava ainda na cama, maboreando a delícia do segundo sono, cerrando os olhos muito de indústria para não se aperceber de que o dia ali vinha, semeando de carmin o nascente, coberto de nuvens tênues, flexuosas, de um cinzento esbranquiçado.

Tinham partido os últimos bondes havia muito; e, apenas, de quando em quando, quebrava a monotonia da treva o vulto cambaleante de um ébrio erguendo-se penosamente sobre as pedras do passeio, e vomitando uma exclamação obscena que ecoava a treva perdendo-se sem eco no interior do jardim. Em frente a ele erguia-se majestosamente sombria a Igreja de São Francisco, solidamente fincada no largo, com as suas duas torres curvas e baixas furando o espaço como se fossem cornos de uma cabeça fantástica. Aqui e ali, semeados pelo largo, ardião bicos de gás com uma coloração estranhamente vermelha, sem palpações, magnetizando a treva esgarçada com aquele brilho de uma intensidade persistente.

No meio do silêncio que se estendia brutalmente pela praça, ouvia-se o gluglugar insistente e continuo do fio d'água lavando os muros desertos e abandonados. Junto a eles, sobre a escadaria da Escola Politécnica, um pobre diabo dormia, encolhido do frio da manhã, a cabeça reclinada sobre o braço em flexão, o corpo mal amanhado dentro de umas miseráveis roupas em frangalhos.

Chegado ali, orientou-se, esfregou os olhos violentamente como quem desperta de um sono pesado e abriu-os para a solidão inquebrantável da praça. Teve um gesto de surpresa ao sentir-se de novo no lugar de onde partira; e muito intrigado consigo mesmo, sem se saber explicar por que ainda ali estava, atravessou o jardim, cabeça baixa, perdido no mar de seus pensamentos, disposto a tomar o bonde que o conduziria a casa. Do lado oposto havia apenas, no cortador da cochilha, pendente do teto numas oscilações de pêndulo um lampião velho e sujo derramando uma claridade baça. De dentro, vinha, a espaços, uma bafada repugnante de feno e estrume e suor dos muare, muito direitos e muito tessos nas batias que se estendiam regulares e monótonas. Nem viva alma na praça!

Ora, que estopada! pensou, foi-se o último bonde! E aproximando-se do bico de gás que flamejava na esquina, puxou do relógio, um pobre diabo de níquel que fazia milagres para servi-lo lá pa a dois anos. Quatro horas. Quatro horas! Mas então tinha paçado toda a noite na rua, perambulando, correndo sem destino como um vadio, sem se aperceber de que as horas fluíam tão rápidas como os pensamentos que lhe corravam o cérebro!

E ao lembrar-se de que era assim sempre, de que se não podia furtar àquele excesso violento de pesar que o assaltava violentamente e se lhe agarrava à nuca como um boi-dog, cegando-o, ensurdecedo-o, desviando-o, atraindo-o pela rua da cidade que percorria; que devorava sem consciência disso, teve um suspiro forte e magoado, um longo suspiro de dor levemente mesclada de alívio por se ver de novo restituído a pos e de al mesmo. Sentia ago, a o mesmo pesar que o ensombrecia e o furtava, incendiando-lhe o cérebro, mas com a consciência da mágoa, voltava-lhe o seu decantado poder de vontade para conter as lágrimas que lhe enchiam o peito e para sufocar no coração o bando negro de soluços que o povoavam.

Agora havia já claridade: a cidade despertava, saltando da cama para a rua, enforcada nos canhões de bacia azul dos profetas que apagavam os bicos de gás; na blusa dos operários que passavam nos magotes falando alto, escancando as bocas em gaílhadas vibrantes; quebrando a monotonia pesada da manhã no tintilar dos guindas das vacas de leite, que se arrastavam penosamente, carregando os úteros volumosos e grandes, balançando-se obscuros entre as pernas; vendo passar a correr, rapidamente, de um lado para outro os vendedores de jornais que os traziam em miçocas, debaixo do braço, úmidos, ressendo a tinta; ouvindo ao longe o rodar de carros; de todas

os cantos, de todas as esquinas como se se houvesse tocado em um formigueiro, vindo surgir uma legião de pessoas que eram negros, trazendo taboleiros de verduras, ou de carne vermelha e gorda, com a sua balança de metal em cima; pedeiros passando apressados na boleia de suas carochinhas; cochelões de "tilbury" que os conduziam ao seu ponto habitual; trabalhadores que se apressavam, escarrando com estrondo; varredores da cidade, manobrando as pás de encontro ao lixo das ruas; e tudo isso no meio de um sum-sum monótono, como se toda aquela gente ali estivesse a contragosto, muito amuada com o sol, que se erguia aos poucos, lamentando com eles o abandono forçado da calentura de seu coxim de nuvens cor de pérola.

Pela rua do Ouvidor fora, raros transeuntes deslizam, enfiados em sobretudo, sobraçando miúdas de viagem, apressados em apertar o trem da manhã. Pelos interstícios das portas dos cafés passava uma rês de luz iluminando a água que ficara da lavagem do asfalto em poças, no passeio; e na esquina da rua Gonçalves Dias, junto de três ou quatro muros de jornais, sobrepostos, em ordem, um petit apregoava sonolentemente, contemplando o "Provincetux" imóvel e taciturno: "Gazeta!" "Pala!" "Jornal!" e "Diário!"

Ele olhava indiferentemente para esse renascimento de vida: para essa resurreição da cidade, horas antes morta de cansaço e sepultada na escuridão pesada e espessa, para esse contentamento triunfante que se erguia da animação da calçada para se alar ao céu azul todo franjado de branco e ouro e que o cercava, que o rodeava, sem que se lhe comunicasse, sem que lhe penetrasse pelas ventas abertas ao ar da manhã, sem que lhe finesse arder o sangue estagnado nas veias.

Já não se lembrava sequer de ir para casa e vinha distraidamente descendo a rua do Ouvidor, olhos fincados nas pedas das calçadas, varridas de novo, prontas para o tropei da população inteira que ali viria dentro em pouco como a um lugar obrigado ostentar o seu tédio ou o seu vestuário, espalhar a sua dor ou vomitar o seu contentamento. Aquela hora da manhã, apenas um ou outro jornal tinha meia porta aberta e diante dela uma malta de carcamanos, petizes tocos, maltrapilhos todos, esmuravam-se mutuamente, num xarivari medonho de exclamações e de pragas, esperando receber os exemplares para a venda do dia.

Havia já uma verdadeira orgia de luz atirada aos punhados pelo sol que se erguia vitoriosamente de um maço de nuvens cor de ouro e adelantava-se triunfante pelo céu fora, pondo no azul diafano que percorria uma escandalosa mancha vermelha. Do largo do Paço via-se o mar arrojante e cioso, gemendo na praia as eternas queixas de seu amor insaciável; e sobre o seu dorso ondegado, aqui e ali, semeadas sem ordem, uma multidão de veias brancas pintalava-o todo. Do cume das montanhas firmes e tesas, muito azues e muito distantes, caíam esfarrapadas, escorregando volutuosamente, névoas brancas, espessadas pela luz poente do sol, como se fossem véus de noivas rotas pela mão nervosa do senhor daqueles corpos.

Soprava agora em toda a natureza inteiramente desperta uma aragem vitoriosa de atividade e de vida, um poderoso tu-fão de pujança e de contentamento abrindo todas as janelas, escancarando todas as portas, arremessando toda a gente para o convívio glorioso da sociedade triunfante, que remoinhava alegremente no ramerrão sedigo da fauna de todos os dias. E diante dessa manifestação vibrante de vida e de luta, reconhecida ao calor fraternal do sol, embebado de alegria no manto sulferino de nuvens que o cercavam, ele continuava a ter os mesmos desalentos e o mesmo pesar, continuava a sentir roer-lhe o peito o mesmo tédio e a mesma agonia que o fazia ver tudo triste e lúgubre, como se a terra arquejasse na agonia extrema e o sol fosse o tocheiro que alumina a natureza morta. Que porcaria! murmurou abrindo a boca num longo bocejo tedioso e fúnebre.

E muito cheio de nojo e de asco veio ao acaso meter-se num bonde, aconchegando-se para o canto sem olhar para nada, sem perder tempo em contemplar aquela inundação que estava p'ali, a irritá-lo, a dar-lhe uma gana de mandar tudo à fava, rebentando a cabeça com um tiro de revólver!

(Novidades, 14-10-1887.)

(Novidades de 4-10-1887.)

A D S O D A L E S

-- A Alcindo Guanabara

Exmo. sr. dr. Alcindo Guanabara — Como corre o tempo! E quão depressa nos chegam as delusões e os cabelos brancos!

Brinca, brincando, vai já para cerca de quinze anos que eu conheço v. excia. e admiro o seu belo talento. V. excia. escrevia em uma folha abolicionista. Passava descomposturas madonhas nos fazendeiros. Era uma das penas mais ferozes do grupo em que andava metido. Lá pelo interior havia choro e ranger de dentes, quando chegava a gazeta onde saíam seus escritos.

De repente, ninguém soude como foi, entrou v. excia. para o "Novidades", que era o órgão dos interesses da lavoura, assistida com os progressos do abolicionismo. Que magníficos artigos lançou também v. excia. em tal sentido, ainda que diametralmente oposto do das suas primeiras idéias!

O Santos, um gorducho muito esperto que era o proprietário da folha, batava-se de gosto com os triunfos de v. excia. — Não há como este mex

Alcindo, disse-me ele muitas vezes, para escrever ao gosto do gente! Isto não é um escritor, é uma máquina de argumentos e de tropos! Não o cedo por di-nheiro nenhum...

Quando rebentou a abolição, v. excia. ainda estava com o "Novidades". Os vencedores organizaram prêmios e outras festas. A tudo isto assistiu v. excia., e por tal bem me lembra que foi censurado. Não por mim: desde então logo compreendi a admirável ductilidade que é uma das feições notáveis da política moderna.

Considerador do grupo menos adiantado, secretário da autoridade até não a querer desacatada na propriedade serci, v. excia. parecia incompatível com a República e suas apogeadas licenças; mas ainda mais uma vez delzou desnoteadas as pressões dos que assim cogitavam, e, à rubra luz da sedição, prontamente se destacou o seu perfil entre os dos mais arrojados democratas.

Eu já o disse a torno a repeti-lo, Ex. Sr.: adora a incoerência; a que se arrasta, como

o reptil, do pau para o mato, e da charneca para o mangue... Não: essa, eu a detesto e desprezo... Gosto da incoerência absurdamente corajosa como a de v. excia., e que de cabeça erguida, e sem dar satisfações, hoje é abolicionista, e escravidão amanhã; nonaquistista conservadora de madrugada, e de tarde republicana militarista.

Neste particular v. excia. é completo! Pode-se dizer que no seu espírito não há propriamente evolução, mas educação de idéias. O cérebro de v. excia. jerve, e, semelhante a um caldeirão de feijoadas, ora e um pedaço de charque que o sobe à tona, ora saboroso molho de tripas, agora é a vez destas, creio que a Europa tem ido v. excia. em comissões delicadas, defender a República no cuidar de grandes interesses nacionais. — Em tais missões não podia o crédito do Brasil ter ficado em mãos mais hábeis; e, entre amigos, com amistosa familiaridade, eu costumo dizer que, se não fora o Baderó, votasse excelência seria o primeiro diplomata do mundo. Entretanto,

to, como não há sol sem manchas, algumas se notam, posto que pequeninas, no lum-no do disco de v. excia.

Assim foi que, quando mais endobrada estava a guerra civil no Rio Grande, v. excia. mandou para as folhas, não sei se em Londres ou Paris, uma nota dizendo que na fronteira rio-grandense só havia o peito de mil homens, detinhamos e maltrapilhos. E que objetaram os jornalistas sandeus da decrepita Europa? Que, se assim era, triste figura estava fazendo o poder militar no Brasil, pois não conseguia debelar o movimento de pessoal tão demuto que mal daria para um regimento inglês... Que aborrecimento!

Outro foi com a nomeação do nosso Barata para o lugar de prefeito. Lá pareceu esquisito que um médico fosse designado para o mais elevado tribunal do país: e v. excia. respondeu que não se tratava tal de "Barata", médico, e sim de Barradas, emérito jurista consulto sul-americano... Esta apelo e equívoco telegráfico produziu

seu efeito; mas em breve chegou a confirmação, da notícia, e então foi uma tropa de meus pecados.

Agora eu não sei onde está e o que faz v. excia. Disse-me-me que se achava na última cerimônia fúnebre do marechal de ferro. Falou? Publicou o seu discurso? Não conta... Aqui entre nós, v. excia. se vai deixando escipar pelo Timotheu...

Contra isto é que me insurjo, porque tem seus peijões para a nossa causa. Se v. excia. já não está tão jacobino, é que o jacobinismo vai esrandando, o que é uma desgraça para as instituições.

Veja se afervora e negéculo; mas, se realmente a República tem de succumbir, não se aflija v. excia. O seguro a que me acolhi é plaga hospitalar; nela construs a minha e mda, e aqui tenho lugar para mais de um naufrago.

De V. Sz.

simpático e amigo,

U. do A. (Carlos de Laet)?

VITA BREVIS...

— ARANHA MEJOR (Alcindo Guanabara)

Depois da Abolição - Alcindo Guanabara

Quantas vezes não nos havia ele levado da morte, desse paraíso de uma transformação gloriosa: exodo para uma vida mais brilhante, menos cheia de contínuas; vida de pássaro que alçava o espaço azul livre de penas; vida em que o tempo não era a única modalidade, essa de ser eterna, inextinguível, pois! Quantas vezes a fidelidade consoladora e o coberto de uma vida interminável, ininterrompida, vida que começa num ventre de mulher fecundada para nunca mais acabar; peregrinações de quem vem do nada para a existência infinita dos mundos eternos; eternidade pavoresa do espírito humano; quantas vezes não a pregou e a falou, sob a umbela verdejante das mangueiras aos amigos em termo, silenciosos, acastando aquela convulsão ferrenha, doutrina fundida no bronze de seu caráter!

A vida humana, tinha-a ele como coisa secundária, pouco de um instante em que não vale a pena pensar; estação rápida de um espírito fugaz que aqui passa com a celeridade de uma asa de andorinha em voo... Eterna, a vida! Que importavam os males e os desgostos da terra, as misérias e as grandezas, se ali estava a eternidade, niveladora dos espíritos confundidos na mesma erradicidade, iguais nas penas, iguais nas recompensas!

A morte era uma transição, doce e consoladora, dava vida de refúgio, infante e meiguinha, para a vida suprema de liberdade sem fim, cheia de gozo, embelezada totalmente da contingência dessa matéria, indigna de amor e piedade.

Via-se a morte! Desejava-a como quem deseja a liberdade, pedida-a, como quem pede um refúgio!

Em o livramento de seu espírito que pedira: era a fazenda ambarada de rolar de mundo em mundo pelo espaço azul:

de viver nessa eterna e pitoresca viagem pelos planetas todos, aperfeiçoando-se sempre, fazendo-se bom, fazendo-se simples, fazendo-se puro! Tinha êxtases na manifestação de sua doutrina; ficava, absorvido, a meditar na grandeza de se ideal que elevava o homem acima de toda a natureza, tornando-o imortal, perpetuando-o na vida, independente de tudo quanto aparentemente para ele concorrer.

Entretanto, agora agonizante, naquele quarto blando, confortável, olhos fixos na cúpula vermelha do cortinado, tão rudo, invencível, sob o alvo lençol de linho, corpo e perfume, sentiu pingar-lhe na testa viscosidade, como continua gota d'água, o amargurado beijo da esposa em lágrimas, o velho Belchior agarrava-se ferozmente à vida, o coração pungido por aquela necessidade irremediável de abandonar-lhe, imposta pela desorganização pútrida dos pulmões em chaga, Pungia-o a culpa sem nome de se crer já espírito volátil, partindo para ali sempre daquele corpo que ali estava, corpo que lhe pertencera, que ele manejava como instrumento, com que sentira todo o prazer e toda a dor, com que gozara todos os triunfos, padecera todas as decepções sentia-se leve, fluído, imponderável, capaz de se elevar até a cúpula do cortinado que se conservava fixa, imóvel, no alto, vermelha como uma estrela longínqua que ele encarava como o novo mundo onde passaria a habitar, tão só, tão longe de tudo, quanto ponticaria de salvação a sua longa, vida de cinquenta e seis anos!

Via morrer aos poucos, como se lhe fosse totalmente estranho, o próprio corpo, estranho e imóvel no velho leito da família; e, vendo-o, sentia dentro de si evoluir, crescer o descepo impetuoso de não poder renunciar, dar-lhe parte daquela vida que possuía, a que se

sentia eternamente preso, vinculado por um poder estranho, onipotente, vitorioso!

Todas as idéias que alimentava sobre a matéria, aquela grande desdém que tinha pelo seu involuto material, de preferência de si mesmo, reconhecendo a pequenez de seus membros, tudo a nua convulsão suprema arrancando-se-lhe ao espírito, para lhe deixar apenas estragando-o como uma garça, o desejo sem fim de não se apartar dele e viver assim humano e corpóreo, pelos séculos e séculos. Via caminhar para ele, despenhando-se do vortice azul do céu, uma revolta infinita de mundos, em que espíritos diversos, formas extravagantes, seres, monstros, adreços, inteiramente fluídos, gemiam com o desalento trágico de condenados. E a testa desta proleção, aterrizadora e eterna, rolando de estância em estância pelo eterno espaço, cavado na profundidade sem limite, o interminável Deus, cuja justiça é inflexível, pensava na balança sem mácula a vida toda dele.

E o velho Belchior, transido de terror, tolhidos os membros gelados do último suor, ouvia o pranto da esposa e dos amigos como se fossem as lágrimas imprecavitas de piedade que os seus espíritos protetores dirigissem ao Onipotente e fossem, pelos degraus de nuvens albas, banhar, como gotas de orvalho, os pés imaculados do eterno juiz!

Recollia-se ao âmago de sua consciência e toda aquela trabalhosa vida que fora a sua; toda aquela luta feroz que tivera, desde criança, de picareta em punho para fazer o seu lugar ao sol; vida interminável em que tinha sempre, diante de si, muda e inflexível, a dura mancha da necessidade; luta cheia de desgosto, evada de decepções em que deixara estilhaçados o corpo e a reputação; sem outro proveito, mais que o desceito contínuo, aquela hora extrema apresentava-lhe a resposta, a explicação, em relação a este abismo sem fundo em que a sua fé ingênua e sagrada o ia precipitar!

E, para amargurá-lo mais, agora que caminhava para a eternidade, agora que a vida corpórea lhe aparecia como um zafiro lúcido branco de muito longe ardido, zumbiam-lhe a imaginação e a memória, como uma legião de moedas douradas e vivazes, todos aqueles peccadilhos róseos, que foram o encanto de sua mocidade, o descepo de seu espírito punitivo e sofrido. Tudo se lhe transfigurava aos olhos, e a austeridade solene daquela câmara mortuária; olhos pisados de lágrimas sem repressão; rosto de esposa enqualado e dorido; fisionomia amargurada de amigos; tudo se a pouco transformando, e ele via aquele triste imo presente evoluir-se pelas frestas das venezianas, dobrando-se no galopar cadencioso do passado que mais e mais se aproximava, trazendo, sobre o dorso, todo um mundo de recordações: a festa de seu casamento, a noite de núpcias, o místico misterioso acontecimento do primeiro filho, o acesso na reatuação, fatos delicados, fatos indecíveis, tudo, enfim, que lhe havia posto um palido sorriso no sempre confrangido canto dos lábios. Vinha-lhe a memória a infância, toda, longe, longe; o meiguinho capta de sua provincial a praia acotada constantemente pelo mar inflexível; rochedos negros da infância que encalara; a planície imensa, esverdeada do milho novo, vergando todo ao sopro molhado do vento do mar; a igreja toda branca, isolada no campo; infância a reger sempre, de um contentamento sadio, vigoroso, tranquilo.

E essa pungentíssima recordação, aparecida ali, no último

Este artigo vem retardado de dois dias o que, para o momento de excepcional celeridade que atravessamos, é uma enorme respeitável. Mas para isso houve um motivo: o fato das Novidades não foi publicado ontem, nem ante-onde. E, pois, agora a primeira vez que falamos depois da abolição; e bem preciso é que o façamos, quando toda a imprensa se congratula para realizar festejos que comemorem o advento da liberdade.

Outra tivesse sido a nossa posição como jornalista em face desta lei e do governo que a promoveu e nuda tiramos a mão depois da distinção conferida a esta folha, na pessoa de seu redator-chefe, nomeado membro da comissão executiva da imprensa. Mas nós fomos o jornalista que mais veementemente a combatu, que mais acaloradamente se mostrou nessa campanha contra a lei que acaba de ser assinada, e a posição tomada com todos os nossos ilustres colegas nos coloca na contingência de expor a nossa situação no dia seguinte ao da sua publicação para que nos não venha ferir a pecha do leviano e inconsequente.

Nós não podemos aplaudir a lei que acaba de ser assinada, não pelo fato que ela consiga, mas pela maneira por que chegou a ser consignada. Neste momento, porém, já se não trata dos meios por que a abolição deve ser feita — e isto é que era o motivo da divergência — visto que estamos diante do fato consumado. O princípio que desse fato decorre, o reconhecimento da liberdade humana, esse sempre o amamos, sempre o defendemos, sempre lhe dedicamos todo o vigor e toda a energia de nossa alma.

O que a imprensa soleniza não é, nem pode ser a precipitação dos meios postos em ação para se atingir este ideal: mas pura e simplesmente o ideal mesmo, o fato exclusivo de haverem entrado, para a comunhão dos livres, centenas de homens.

Nós gastamos boa parte da nossa atividade fazendo sentir que a abolição radical devia trazer consequências funestíssimas ao país; e agora que ela está feita pela pior das maneiras, — seremos talvez o único jornalista que assim pense! — mas pensamos que essas consequências serão inevitáveis e fatais.

Esta luta da abolição deixa em ambos os terrenos muitos feridos. Nós somos um deles. Mas declaramos que nos levantamos no dia seguinte ao de sua passagem sem ressentimento e sem ódios, esquecendo todas as ofensas recebidas, todas as injúrias tragadas, todos os desalientos que nos vieram. E fazemos porque estamos convencidos de que devemos contribuir para que não venha amargurado de mais o período que segue.

Nos cremos que passados os primeiros entusiasmos cada um de nós tem de se apertar as mãos e preparar para novas jornadas em campos necessariamente oportos nãz desta vez para atuar ou para impedir as consequências forçadas do passo dado ontem. E antes de quem quer que seja é à imprensa que cabe essa atitude de defensora da tranquilidade e da vida da nação.

Se pudermos falhar estas previsões lugubres, se podemos reclamar para nós também uma coparticipação no epitáfio que o sr. barão de Cotegipe reclama para a sua lousa, tanto melhor para nós todos, tanto melhor para a nossa pátria! Desajuro-lo ardientemente, pedimos com todas as veas d'alma que nos a não dando registrar numa retratação solene que fomos um fantasma letífero, um sentimentalista vulgar. Mas essa é hoje a nossa convulsão íntima e devemos declará-la, no dia seguinte ao em que se assina a lei que combatemos na medida de nossas forças.

Ninguém de certo se aprehendeu deste esforço, e não o subestimaríamos se não fosse a situação em que nos achamos. Hoje, porém, não temos escrúpulos em cooperar para que as consequências da abolição imediata sejam feitas e flores. Muito ao contrário, entendemos (e isso mesmo dissemos ante-onde, num artigo em que referíamos a impressão que este movimento deveria ter causado ao espírito do imperador) que o dever dos que a combateram era precisamente enviaar esforços para atenuar os males que daí nós supomos que adviriam.

A Abolição é, hoje, lei do Estado; os temos que obedecer-lhe e respeitá-la; mas se nos é dado contribuir para que as suas consequências derivem das calamidades sociais que prevenha para as alegrias sociais que desejamos, por que razão nos havemos de negar? As crises econômicas, essas são fatais e estão acima de todo o esforço humano.

Bastem-nos estas! Empenhemos todos os esforços que estiverem a nosso alcance para que o Brasil progrida em paz, na confraternização geral de todos os corações.

A nossa adesão à comemoração da liberdade está, pois, claramente definida nestes termos.

(Novidades, de 15-5-1888.)

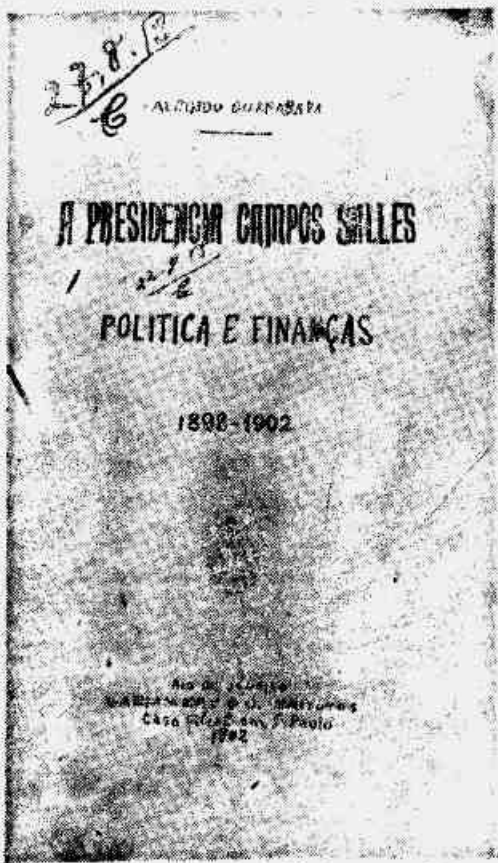
momento, quando o padre se ajoelhava junto ao leito implorando por ele, apertava-lhe o coração, confrangia-o, embalsamando-lhe os olhos, punçando-lhe no espírito o sóro corrosivo de uma saudade sem remédio por um prazer absolutamente perdido. Quanto o feria, agora essa verdade de que tanto se compenetrava; que tanta satisfação lhe dera; essa verdade de que a vida não findava e que esse pranto transitório na terra que para ele foi de mais de meio século, era um castigo, uma revolta, nada apetida, nada digna de amor! Como lhe custava partir, opresso sob este fardo de recordações, jungido a saudade sem termo dos bellos dias de criança, das carícias do filho, dos deliciosos peccados de outrora, das suas próprias dores dos seus mesmos tormentos! Como lhe doía ter, dormindo, nessa peregrinação infinita do espaço, de viver rasgando o próprio peito para absorver a doce amargura do que lá estava para sempre guardado e que fora o que de mais caro tivera na vida!

E esta revolta de pensamento, cópia de raciocínios cruéis que lhe vinham ao espírito, agora, agonizando como um cadáver de corvos, dilacerando-lhe o cadáver, anslava-o, enchia-o de uma agonia infinita, insuportável, indescritível, que lhe caía no peito, arrancando-lhe as pulmões; paralisando-lhe as palavras na garganta; obstruindo-lhe o laringe; imobilizando-lhe os olhos, vitreos, a verterem a última lágrima.

E por um supremo esforço, recusando-se obstinadamente a essa morte que se impunha, arqui-lava, sentindo estremecer-se convulsamente os membros a percebendo o seu próprio espírito, horrorizado, afundar-se no abismo, precipitar-se na garganta pavoresa do espaço que lhe sugava o sangue num gorgolhar selvagem e estragava-lhe a carne no meio de gritos lancinantes, suplicas dolorosas, prantos sem fim, e vozes roufenhas de padres murmurando contritos o último e supremo requiescat in pace...

1888.

#Novidades de 20-3-1888)



Página de título do livro "A Presidência Campos Sales", um dos pouquíssimos volumes que Alcindo Guanabara publicou



O JORNAL — Alcindo Guanabara

O prelo completou a cruz. A moral nova, a cuja influência a humanidade renasce, não se fazera, não se infligia, não se decantava, não vinha mares e montanhas, sendo por efeito da imprensa. E' graças a ela que o pensamento se liberta, que o espírito se emancipa de preconceitos, que a tradição se escolta e se seleciona, que a prepotência cognitiva se atenua e que o livre exame surge, como quier e fundamento de uma nova moral social. O cristianismo transformou a humanidade em vida de uma vida futura, a imprensa permitiu que ela usasse de sua transformação, a cultura da vida terrena. A luz que a Alemanha assim acendeu, libertou todos os deuses do passado e futura todos os arcanos do futuro; suprimiu o tempo e a distância; aproximou as terras e as gentes; e, ardentemente, sem se consumir, estimulou a ciência, incitou a arte, protegiu e resguardou as religiões e o polidum da liberdade! Não foi sem razão que o nosso romancista Castro Alves declamou, um dia, que, quando ela surgiu,

luz de sua força e averbar uma esperança de seu prodômio. Nem é preciso que esse jornal se faça uma catapulta, ou se afie como uma adaga. A liberdade não se assinala nem se afirma pelo combate ou pela paixão; existe, porque existe. Na seriedade das páginas do jornal que mais alheio se mostra e reja as contendas e disputas de cunho político, a liberdade resplandece, no registro diário dos fatos e das coisas na divulgação do pensamento humano, na disseminação das idéias de filosofia e dos fatos da ciência, que as gerações que passaram nos tem legado e constituem todo o nosso patrimônio de civilização. Assim, o jornal é um centro de onde irradia a força geradora do progresso social; é um elemento de consenso, lembrando dia a dia, com a síntese da vida humana, uma fonte de esperança, despertando nos espíritos, com as corações, o estímulo para o trabalho, para a luta, por um futuro melhor.

JULGAMENTO DE GONÇALVES DIAS

Alcindo Guanabara

O Maranhão paga hoje ao seu glorioso filho uma velha dívida que, aliás, não é só dele. De todo o Brasil. Quando Gonçalves Dias viveu, esse sentimento rebuscado e artificial, esse enobscimento que nasceu das alturas políticas e está ameaçando envenerar a sociedade, em virtude do qual se anda por aí a apregoar a pátria pequena, não tinha ainda a aparência de ele, era brasileiro, de todo o Brasil, o quer e o reconhece bem seu. Longe, no exílio, a canção, que escreveu, não cantava nada de peculiar ou local do Maranhão, onde viu a luz do dia. Não foi do assai nem da rua do Sol que ele falou.

Gonçalves Dias já não pode ser discutido ou analisado: tem nisso a consagração máxima que um povo pode dar ao seu poeta nacional. Nacional? Certamente. Não temos tradições, heranças, não temos em nossa vida de negro nenhum fato excepcional, de grande importância histórica ou épica: os poemas heróicos em que se embalsamaram os extraordinários feitos, episódios comuns à descoberta ou à conquista, nunca passaram, por isso mesmo, no restrito campo literário. Tudo que nos podia interessar era a descrição da natureza esplendida que nos cercava e nos deslumbrava ou a nota sublimada da impressão que recebíamos, ora melancólica e morta, ora alegre e viva. Gonçalves Dias sentia assim como o povo e assim cantava. Não há em suas composições nada de rebuscado, nada de artificial, nada de falso: era a sua própria e sincera impressão que ele comunicava em verso; e é por isso que eu posso dizer do seu amor de viver em exílio uma coisa maior, que prestamos hoje a homenagem devida — ao nosso poeta nacional.

(Folha, "O País" — 3-11-1942)

SOBRE A IMPRENSA — ALCINDO GUANABARA

Eu sou jornalista e mais nada. Nunca fui outra coisa. Estou quase a ser atropelado pela comissão nessa profissão que reclama sobretudo saúde, que me vai faltando; mas se me atropelarem dela será para esperar benfazeiramente a hora final. Alíás, quem faz profissão de jornalista deve saber que não será outra coisa na vida. A imprensa me é a vida. A lá conditio... Vou sair. Quem fica, não passará de repórter e acaba afinal até por o não querer: quando o quisesse, aliás, não o poderia, porque essa grailha lhe é mantida aos pés por quantos se aproveitam do que ela lhes pode dar. Eu conheço um jornalista que fazia oposição a um partido, quando um triste acidente levou ao governo o partido a que ele servia... Como esse jornalista não era perfeitamente um imbecil, houve quem pensasse em fazê-lo ministro, ao que ele, com admirável bom senso se recusou. Um figurão, que era então uma espécie de semi-deus, felicitou-o por isso.

— O sr. é muito vermelho, explicava-lhe ele. O governo precisa de ter uma cor mais apagada...

Ao que retornou o jornalista em questão, com o mais amável dos seus sorrisos:

— Oh! meu caro senhor: não tenho nenhuma ilusão... Os homens, como eu, só têm uma função na vida...

— Fazer a glória dos homens, como v. excia!

Assim, eu não sou, não fui, não serei, senão jornalista. As minhas incursões pela política são acidentais e não irão além dos cargos de eleição. Não me considero nenhum estadista: estadistas são os apregoados, os ululantes, os que se não comprometem, os que não temo quinquês, os que não falam, porque não sabem o que dizem, ou, se o sabem, prudentemente disso se abstêm.

Ora, o sr. Ruy Barbosa tornou-se ontem a um trileto de gladiador no governo, por causa do sim, acusando-o de ter levantado mão sacrilega contra a liberdade da imprensa, que elevou ao sétimo céu. Eu, jornalista e profissional e acidentalmente senador, vou, entretanto, logo mais, voltar em favor desse sim. Renego, então a liberdade da imprensa?

Mulher me explicava, numa comédia, que

Il y faut et il faut

Parece que é o caso. Houve um tempo, no começo da minha vida, que eu combatia nas colunas do velho "Correio do Povo", o sr. Ruy Barbosa, que era então membro do governo provisório. Se neste tempo e nas colunas desse jornal, eu escrevesse que o sr. Ruy Barbosa era um ladrão, com todas as letras, como certo jornalista escreveu depois de um de nossos chefes de Estado, eu tivesse deprimido as virtudes da digna senhora, que é a nobre companheira de sua vida, entretendo a. excia. que eu estava usando legitimamente da liberdade da imprensa e que esse era o meu direito pleno?

O sr. Ruy Barbosa foi — e será quando o quiser — o mais fulgurante dos nossos jornalistas. Grandes e memoráveis

combates travou s. excia. nas páginas de seus jornais. Algum dia, para defender as suas idéias e para combater os atos de seus adversários, sentiu-se s. excia. na necessidade — e no direito — de cobrir de injúrias torpes as pessoas que combatia e de lhes entrar pela casa dentro, ferindo-as no que tinham de mais melindroso, com palavras ou alusões indecorosas? O sr. Ruy Barbosa disse que, sob o Império a liberdade da imprensa era coisa sagrada. Mas sob o império, a imprensa era dirigida e regida por espíritos superiores e visava fins muito mais nobres do que hoje boa parte dela tem em vista. A imprensa foi durante certo tempo meramente política; discutiam-se idéias: não se procurava, pervertendo o gosto do povo, bater moeda sobre a honra, a reputação, a boa fama dos que governavam. A imprensa neutra, quando apareceu, tinha à sua frente Ferreira de Araújo, que, creia o sr. Ruy Barbosa, cooperou enormemente para o descrédito do regime monárquico, sem todavia nunca haver entrado pela vida privada de ninguém e nunca se ter apresentado como Cristo a manejar o látigo e a expulsar do templo os ladrões. A imprensa da oposição radical, pois que era republicana, era regida por Quintino Bocayua: era a doutrina, não a injúria, que nela se encontrava. Um só jornal então apareceu atacando pessoas, injuriando todo o mundo, invadindo a vida privada, escrevendo as mais repugnantes misérias. Esse jornal era lido; mas, naquele tempo, tinha-se vergonha de conviver essa leitura: era equiparado a certas publicações que não podem ser vendidas fora das casas. Sobre o sr. Ruy Barbosa o que sucedeu ao editor responsável dessa infâmia? Mataram-no a pauladas ali, na rua do Lavradio, em frente à chefatura da polícia, de onde ele saiu. E no dia seguinte, o imperador fez uma visita a certo quartel...

Outro dia, em Paris, representava-se num teatro do boulevard uma revista. Aparecia nela o sr. Caillaux, ex-ministro da Fazenda cuja malheta o sr. Gaston Calmette, que começava a querer aclamar em França esse gênero de imprensa injuriosa; e aparecia, declarando que "ele era o juiz de instrução desse processo". O

magistrado, assim atingido, julgou-se injuriado e queixou-se: o governo ordenou logo a supressão da cena toda. Há, em França, uma grande sociedade bancária, que tem agências em todos os bairros de Paris e sucursais em todas as províncias. É um vasto repositório de economias populares; e uma corrida que lhe fizessem seria um grande desastre para ela e para o povo, quicá para o Tesouro, que não poderia assistir de braços cruzados a essa ruína. Ora, alguns jornalistas, por motivos que os senhores facilmente compreenderem, escreveram e publicaram uma folha de papel, demonstrando que essa sociedade estava falida, incitando o povo a ir retirar dela os seus depósitos, como aqui se fez para a Caixa Econômica. Esse papel impresso foi vendido uma tarde no boulevard: à noite, a polícia sequestrava toda a edição. Não há muitos dias, o dr. Bernardino Machado permitia a circulação dos jornais monárquicos em Lisboa; no dia seguinte, lhes interditiu a circulação e, respondendo a uma interpelação na Câmara, disse com nitidez:

— Respiro a liberdade de pensamento. Não reconheço a liberdade da injúria.

Eu subscreevo estas palavras. Pensei que a liberdade de consciência é a liberdade essencial à vida social! Não concebo que por suas opiniões religiosas, científicas ou políticas alguém possa ser perseguido. Mas não reconheço a ninguém o direito de ofender e deprimir a imprensa, usando dela para satisfação de seus ódios pessoais ou de seus interesses egoístas injuriando pessoalmente a quem quer que seja. Ao contrário, creio que se não pode fazer mal maior à sociedade, do que se lhe faz, assim lhe instando a malícia esse veneno. Se a fofoca nada prova, a injúria também não prova nada. Insultar não é discutir; o palavrão não é argumento. Para fechar os olhos às questões da atualidade e, em vez de examiná-las, analisá-las, combatê-las com razões e provas, escrever uma coluna de desaforos contumelioses e de agressões, em estilo da praia do Peixe, não é preciso ser jornalista; basta ser grosseiro e ter alma para isso. E por isso mesmo, a liberdade da imprensa nada tem a ver com as que disso vivem. Nisso, como em tudo, tem razão Muliere: com esta *legot*, em mala terna.

Bibliografia de Alcindo Guanabara

- Amor, novela, que começou a publicar em "A Vida Moderna" — 1889.
- História da Revolução de 6 de Setembro de 1893 — 240 páginas. — Tip. e Pap. Montalvão — Rio — 1894. Este livro apareceu primeiro no "Comércio de S. Paulo". Foi publicado sem nome de autor.
- O Acre. O direito da Bolívia — 218 págs. Tip. do "Jornal do Comércio" — Rio — 1903.
- A presidência Campos Sales — 1898-1903 — 517 págs. — Lacomert & Cia. — Rio — 1902.
- A Dor, conferência literária, lida em 9 de setembro de 1905 no salão do Instituto Ica — 1898-1902 — 517 págs. — Estabelecimento Gráfico Leon de Rennes & Cia. — Rio — 1905.
- Serviço Militar, discurso proferido na sessão de 10 de outubro de 1906, na Câmara dos Deputados — 75 págs. — Imprensa Nacional — Rio — 1906.
- Caixa de Conversão, discurso proferido na sessão de 28

- de agosto de 1906, na Câmara dos Deputados — 62 págs. — Imprensa Nacional — Rio — 1906.
- Exposição de S. Luiz, discurso oficial na sessão solene para entrega das medalhas e diplomas conferidos aos expositores brasileiros — 10 págs. — Tip. Bernard Frères — Rio — 1907.
- Jornal do Comércio — A Tradição — 13 págs. — Tip. do "Jornal do Comércio" — Rio — 1908.
- Prefácio em "O Problema Argentino", de João Antônio — Tip. Bernard Frères — Rio — 1908.
- Discursos fora da Câmara — 143 págs. — Livraria Editora — Rio — 1911.
- Discurso proferido na Associação Brasileira de Imprensa — 15 págs. — Tip. do "Jornal do Comércio" — Rio — 1915.
- Pela infância abandonada e delinqüente no Distrito Federal — 82 págs. — Tin. do "Jornal do Comércio" — Rio — 1917.

Encerrando uma polémica com José do Patrocínio

(Cont. nação da pág. 34)

peito, imitando-se a ouvir a uma desavença com o sr. dr. Daniel de Almeida, diretor do Asilo, em questão de carácter. Mas os meus por esse tempo, leu-nos o nosso chefe de redação um trabalho do sr. Alcindo Guanabara, uma tradução, comentando-a de ermosos. Isto é o que tenho a dizer quanto ao 1.º queito. Quanto ao segundo:

Há muitos meses, quando começaram entre nós relações de maior intimidade, tive por informação do amigo notícia mais minuciosa do fato de sua retirada do emprego que exercia no Asilo dos Meninos Desvalidos.

O que o sr. Guanabara me narrou por essa ocasião foi

exatamente o que se lê no seu artigo de hoje, em relação ao Asilo.

Pode utilizar-se da minha carta como lhe aprouver. E disponha, etc. Ruy Barbosa. — Corte, 9 de março de 1887.

Eu entrego estes documentos ao juiz e ao critério do público por amor de quem me movei: as pessoas que têm em suas cartas. Quanto ao sr. José do Patrocínio, não me merece nada, nem creio que mereça alguma coisa de quem quer que seja. Considero-o como a um homem publicamente desfechado e penso, como Eloy, o herói, que vilipêndio seria uma cobardia. Não lhe responderei mais.

Alcindo Guanabara. ("Novidades", de 10-3-1887).

UM DEPOIMENTO SOBRE ALCINDO GUANABARA

Machado de Assis num discurso de Alcindo Guanabara, na Câmara dos Deputados

Era ao tempo de "A Imprensa", aliada a rua da Assembleia, onde hoje a Light tem uma de suas agências. No gabinete da República Nilo Peçanha, Alcindo, senador, dividia as suas atividades entre a Casa Moura do Parlamento e o seu jornal. Esboçava talento e era jovem em se tratando de diplomata. Não obstante, o jornal vivia uma fase de insolvíveis dificuldades financeiras. E porque se atrasassem os pagamentos, em pouco, a redação contava uma dúzia apenas de redatores, e repórteres, todos dedicados ao Mestre.

Encontrava nas sessões do Senado, Alcindo ao lado de pasteurizador com o estadiado fluminense e de lá rumava para a redação, onde chegava ao arder das luzes, à hora em que o labor nas oficinas se iniciava. O principal estava ainda por fazer. So o grosso, o noticiário de encher páginas, fora mandado a voracidade das linotipistas. Faltavam os comentários, os tópicos, a "cabeira" das Sociedades. Então, o homem prodigioso, a quem o secretário pusera ao corrente da situação, chamava três redatores, dispunha-os em outras tantas mesas e passeando, de um lado para outro, cofiando no queixo a barba rala, ditava simultaneamente um tópico, um comentário político e a crônica elegante, leve, sutil e literária que antecede as notícias dos acontecimentos sociais! Essa tarefa gigantesca era repetida sempre que se fazia necessário.

Terminado o ditado triplice por uma, duas e mais vezes, trocava idéias com o secretário do jornal e sala para o jantar. Regressava sistematicamente entre uma e duas horas da manhã. Vinha escrever o artigo de fundo. Escrever não é bem o termo; vinha hieroglificar o artigo de fundo. O paginador, com o jornal já pronto, aguardava-o no seu gabinete de diretor. E a proporção que ele ia enchendo as laudas com parágrafos horizontais, verticais, perpendiculares, entremeados de triângulos, signos de Salomão e círculos de todos os feitios, tudo quase que microscópico e vertiginosamente grafado, o chefe das oficinas ia-se levando e entregando ao linotipista que, já cansado, não perdia muito tempo em decifrar aquela escrita digna de um Champollion. E a tragédia se esboçava, enfim, na revisão.

Ali os originais passavam de mão em mão, ilegíveis, com a interrogação angustiosa: — Que lêis aqui? — Onde?

— Todas as palavras circuladas. O revisor, solicitado pelo infeliz companheiro de torturas, tomava a tira "escrita" e mergulhava nela os olhos perquiridores. Outros cercavam-no. Seis, oito, dez outros dormiam-se naquela impositiva adormecida. O tempo corria. Na oficina, esperava-se impacientemente a prova revista. O paginador mandava recados ao chefe da revisão. E se também incapaz de decifrar as palavras resolvia, in extremis, mandar ao homem que rabisava aquilo.

Já vos disse, senhores: não fantástico; deponho. Coube a mim várias vezes ir ao homem. A porta do gabinete era entreaberta de leve. Intelectualmente recostado na cadeira que se apoiava à parede, as pernas compridíssimas estendidas por baixo da escrivaninha, as mãos cruzadas no peito ou sob a gorja, ele cochilava.

— Dr. Alcindo, dá licença? — Entre. Que há? — Não conseguimos ler estas palavras que estão circuladas. — Deixe ver; deixe ver. Endireitava o busto, ajeitava os óculos, tomava o original, cofiava a barba farta no queixo e ao cabo de dois minutos dizia:

— Também não leio. Ponha aí uma palavra que dê sentido. Também ele não lê, senhores! E todos as noites a mesma tragédia se repete. Certa vez, um linotipista que chegara às duas horas da manhã com uma tarefa de apenas 200 linhas, desesperado pelo insucesso daquela noite de trabalho, na posse de duas tiras escritas pelo mestre e não conseguindo ler as palavras que as enchiam amarratou-as ergueu-se da máquina e as depôs em lugar de onde elas foram levadas à rede de esgotos. As duas laudas eram, precisamente, o meio do artigo. Impossível recompô-las. Alcindo, naquela noite, mal acabara de garinchar o artigo, retirara-se. E "A Imprensa" circulou sem artigo de fundo.

Depois desse acontecimento, glossado em todas as oficinas de jornais e que valeu ao linotipista, no seu meio, uma larga notoriedade, ele passou a ditar o seu artigo. Ditava-o à noite, como ditava no correr da noite os tópicos, os comentários, a crônica elegante.

Mário Hora

("Jornal do Comércio", 13-8-939).

ALCINDO GUANABARA NA ACADEMIA

Alcindo Guanabara foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Criara a cadeira n. 19, que tem como patrono Joaquim Caetano.

Foi substituído por D. Silverio Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana, o qual por sua morte, em 1922, foi substituído pelo sr. Gustavo Barroso.

PSEUDÔNIMOS DE ALCINDO GUANABARA

Alcindo Guanabara usou os seguintes pseudônimos — entre provavelmente muitos outros que desconhecemos:

- Aranha Minor (na Gazeta da Tarde, nas Notícias);
- Nestor (nas "Notícias");
- Marielo (nas "Notícias", em "A Universal");
- Diabo Coxo (nas "Notícias", em "A Universal");
- Meliso (nas "Notícias");
- Scapin (na Semana);
- Pangloss (no "Dia" em "O País").

O sr. Alcindo Guanabara — Teem, sr. presidente, as assembleias políticas, uma função não escrita nas leis, uma função não explícita nos códigos institucionais, mas que, nem por isso, lhes compete menos — a função de conservarem, resguardarem ou acentuarem o grau da cultura da sociedade de que dimanam e sobre que agem. E ao exercício dessa função que venho convidar a Câmara dos srs. deputados, propondo que se amplie a homenagem de voto de pesar que consta da ata que se acaba de ler e foi nela registrada, pela morte de Machado de Assis, designando a Câmara uma Comissão de seu selo para representá-la nas funerais do ilustre pensador brasileiro.

Não é certamente excessiva essa homenagem. O Brasil inteiro orgulha-se de ter produzido o grande espírito que se acaba de extinguir (Muito bem) e a Câmara é bem a representante do Brasil inteiro. Acentuando o seu respeito e a sua veneração por essa entidade singular no campo de ação em que se moveu, dá a Câmara testemunho de que o país venera os que representam a sua alta intelectualidade e rende o devido preito de gratidão aos que lhe encerram a cultura. Machado de Assis sintetiza completa e admiravelmente o nosso grau de cultura mental. Ele é o chefe superior e incontestado da nossa literatura. Direi mais: ele parece a expressão única da literatura brasileira, sob este aspecto, da nacionalidade — palmeira solitária no meio do oásis! (Muito bem).

Ninguém, como ele, afirmou, na obra literária, a sua individualidade e a nossa nacionalidade. Antes dele, contemporaneamente com ele, Gonçalves Dias e José de Alencar, de quem, aliás, ele mesmo dizia que encarnou, como ninguém, a alma brasileira, falava do Brasil mas do Brasil que nós não conhecemos, de um Brasil pré-histórico, do Brasil dos selvagens romantizados e poetizados, que é, para nós outros, quase um Brasil de ficção. O seu campo de atividade foi a sociedade em que vivemos. Não tinha imaginação, ou não se servia dela: falava com filósofo, como anotador, como crítico.

Assim, a sua ação é dupla: mental e social. Por outra: a sua atividade literária teve sempre reflexo na atividade social. Ele era um calmo, um retraído, um tímido, e, não obstante, foi considerável e intensa a sua influência sobre as classes cultas da sociedade. De fato, basta percorrer as obras que deixou, para se sentir que nenhum fenômeno social se produziu sem que para ele o artista houvesse contribuído, direta ou indiretamente, nos seus personagens: na crônica ou no romance: ativamente pela propaganda esboçada nos seus personagens: passivamente, pela crítica irô-

ca, que lhe era peculiar. Tinha um estilo seu, próprio, singular. Único na nossa e, quiza, em alheias línguas. Não sei se direi de mais, dizendo que tinha ou que fizera, uma língua nova, que novo ou, pelo menos incompreensível, era o português que trabalhava. Era um irônico, de uma ironia que não era, nem se parecia, com o *esprit* dos franceses nem o *humour* dos ingleses: uma ironia que superava a de Sterne ou de Xavier de Maistre e dir-se-ia filha de Anatole France, se o não houvera precedido. Original e único era um filósofo, um comentarista, um crítico e um analista — analisava as coisas e dos homens, das almas e dos costumes, dos indivíduos e do meio, das paixões grandes e dos pequenos vícios. Não tinha o sarcasmo dissolvente, mas um doce e benéfico ceticismo. Era um anotador, comentando a situação, os costumes e as idéias, aplaudindo ou combatendo com bondade, sublinhando o rialvel com o sorriso. Tinha também as grandes paixões, mas revelava-as com uma inextinguível suavidade de forma.

Era um liberal. Não amava a política, que o não fizera Deus para conduzir de homens. Ele mesmo conta como entrou para a imprensa em 1860. Ao sair do Provisório, indo tomar chá num restaurante da rua dos Latões, Quintino Bocayuva sondou-o sobre política, coisa de que nunca haviam falado. No dia seguinte, era convidado para trabalhar no *Diário do Rio*, que se fundava sob a direção de Saldanha Marinho, redigido por Quintino. Era a idade de ouro da imprensa fluminense: Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Bernardo Guimarães e Pedro Luiz...

O sr. Rodrigues Peixoto — E Octaviano.

O sr. Alcindo Guanabara — Octaviano e outros... Era o tempo dos grandes nomes e das grandes lutas. Sentia-se o rumor das águas que se avolumavam e vieram submergir o Império. E curioso ver em uma crônica, página dulcíssima de saudade, que Machado de Assis escreveu trinta anos depois, a impressão que lhe causara esse "formidável Senado de 1860": era a impressão de respeito diante desses homens que fizeram a história dos primeiros dias de vida do Império, no selo de qual se destacava a figura de Montezuma, ainda com o prestígio de ator de 1813; era a impressão do artista diante dos que mantinham a linha da oração tremenda do primeiro Rio Branco, falando oito horas a fio em defesa da missão de 1851...

A política, propriamente, não o impressionava: interessavam-na a idéia, o quadro e o ator. Mas a sua entrada na imprensa entre esses dois polos — Saldanha Marinho e Quintino Bocayuva — mostra bem o seu espírito; e, depois, toda a sua obra revela-o um liberal.

Era um pantelista: adorava a Natureza. Adorava e temia-a. Reside talvez nesse temor que lhe causava o espetáculo da força invencível da natureza, a causa indefinida da sua timidez.

Na mesma força, confundia-se para ele o bem e o mal, a vida e a morte. Por isso, amava e temia a força universal.

"Sou de uma criatura antiga e sermidável. Que a si mesma devora os membros. Te se encontram Com a sofreguidão da fome insaciável..."

.....
Ana de igual amor o poluto e o impoluto,
Começa e recomeça uma perpetua vida,
E sorrindo, obedece ao divino estalido,
Tu dirás que é a Morte, ou dirás que é a Vida!"

Era um ativo. Esse Memorial de Ayres, livro ainda publicado este mês e que lhe proporcionou a vida, como se só vivia para escrevê-lo, é um discreto livro de amor, é o monumento à memória da morte. Foi a sua panheira na morte. Não sabia ele de melhor tarefa na vida, que essa de amar:

"E amar e ser amado é, neste mundo, a maior felicidade."

A tarefa melhor da nossa espécie, não creio de outras, que não seja amar. (Machado de Assis)

Esse coração de ouro, esse espírito de cristal desaparecerá. Rendo-lhe, neste momento, um preito pessoal de estima, de homenagem e do respeito que sempre nutri por ele, deixo que, ainda adolescente, o conheço, sofrendo como ele disse de sua relação a Alencar, a admiração do menino Heine por Napoleão. Releva-me a Câmara o que de pessoal parece haver nestas palavras. No fundo, esse preito, tanto o rendo eu só; senão todos os que nesta terra têm alguma cultivar, e conhecem a arte e a amam.

Por isso mesmo, confio em que a Câmara renderá aos restos mortais de Machado de Assis a homenagem que dele solicito. Não o solicito por ele; mas pelo país. Sei pelos seus personagens, o que ele pensava das homenagens "post-mortem" e do que a para o cemitério. "Teve" — pôe ele na boca de um dos seus heróis, teve a morte vagarosa, a morte de um velho filtrado, que só impuro de uma garrafa para entrar no inferno na outra; a borra, iria para o cemitério. Não vale a pena mudar que cemitério. Naquela crônica de memórias de trinta anos passados, falava-nos de um personagem de casa de seda preta, calção e meias de seda e sapato de fivela. Era um longo e infinito corredor: escuro e desaparecia num cemitério — que não valia a pena de indicar qual fosse porque "todos os cemitérios se parecem!"

Empenhem-nos, senhores, por desmentir esta asserção no que lhe respeita! Empenhem-nos para que o cemitério em que se vão recolher os restos mortais de Machado de Assis não se pareça com nenhum outro, concentrando-se nele o pensamento brasileiro para render a homenagem de sua veneração à mais alta expressão que ele teve nesta terra! Empenhem-nos para que o Brasil ateste nesta solene homenagem a sua própria glória, o próprio desvanecimento de constituir um meio capaz de permitir a ascensão de um espírito, superior sob tantas faces, como o de Machado de Assis!

Diante da estátua de José de Alencar, que ele inaugurava, Machado de Assis disse: "Concluindo o livro de Iracema, escreveu Alencar estas palavras melancólicas: 'A jandala cantava ainda no olho do coqueiro, mas não repetia já o mavioso nome de Iracema. Tudo passa sobre a terra'. 'Senhores, a flutuação do livro não podia ser outra, mas a posteridade de aquela jandala que não deixa o coqueiro e que, ao contrário da que emudecera na novela, repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu imortal cantor!'

Senhores, confirmemos esta palavra. Nem tudo passa sobre a terra! A memória de Machado de Assis não passará: permanecerá fiel e firme e brilhante, honrando-nos e distinguindo-nos e elevando-nos. Correspondamos a esse favor rendendo a esse grande espírito a homenagem que o Brasil lhe deve e que nós, que representamos o Brasil, lhe não podemos regatear.

Senhores, nem todos os cemitérios se parecem! Nem tudo passa sobre a terra! (Muito bem, muito bem, o orador é vivamente cumprimentado!)

A propósito de Shakespeare

(Continuação da pág. 38)

uma ilusão: que chega a usar de má fé consigo mesmo atribuindo-se sentimentos que não possui; é um tipo sem força de vontade que constantemente faz projetos, jamais executados. Vive gastando-se, roído pelo próprio pensar em que está de tal sorte mergulhado, que não lhe resta mais que a indiferença e o desdém para todos, até para Ophelia, a sua noiva, a mulher que ama e cujo amor solicita. Schlegel define o caráter de Hamlet nesta frase: *Hamlet n'a aucune foi assurée, il doute de lui même et de tout dans l'univers*. Tem uma tempestade n'alma, uma desordem no espírito. Para fingir a loucura não faz mais do que dizer a sua opinião sobre tudo e sobre todos, sublinhando-a com seu enorme espírito, porque, como disse Goethe "Hamlet" é o tipo de um príncipe de variada e funda instrução. Nada, pois, é menos definido, menos acentuado, menos explícito que o caráter de Hamlet sem que, contudo, nada seja mais humano.

A humanidade: não é só formada de espíritos fortes e caracteres como este, que passam a vida nesse luta insana de buscar resolver problemas insolúveis. De ser indiferente a tudo, de ser mau até para si mesmo — não são nenhuma exceção monstruosa.

O que está bem patente nos livros de quantos têm comentado essa tragédia é que o tipo de Hamlet é precisamente esse nebuloso, incompreensível, cheio de treva e de dúvida, mas profundamente, verdadeiramente humano. Dizendo-o, eu não fiz mais que repetir os comentários que se acham agora e, quando menos o esperavam, em frente da competente opinião de meu honrado contraditor, o sr. dr. V. Magalhães, a quem peço desculpa por esta estopada que lhe proporcionei, esquecido de que sou um dos nulos de nossa imprensa diária. Praza aos céus que valha ao menos a intenção com que isso foi escrito!

(Novidades de 2-8-1887).

GALERIA DE ARTE Um poema de Paul Eluard



N. 6 — Candido Portinari — "Os Ganchos"

Um patético documento da poesia francesa de hoje é o poema de Paul Eluard, publicado em Alger, no número de junho de 1942 da revista "Fontaine", e transcrito no número de 15 de setembro de 1942 da revista "La France Libre", de Londres. Nele, o grande poeta supraculculado francês, conservando os elementos essenciais do seu lirismo, dirige uma invocação dramática à liberdade, que é hoje "o único pensamento" de todas as almas do seu país. Damos abaixo o texto original, com a tradução que dele fizeram Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade:

UNE SEULE PENSÉE

Sur mes cahiers d'écolier
Sur mon pupitre et les arbres
Sur le sable sur la neige
J'écris ton nom

Sur toutes les pages lues
Sur toutes les pages blanches
Pierre sang papier ou cendre
J'écris ton nom

Sur les images dorées
Sur les armes des guerriers
Sur la couronne des rois
J'écris ton nom

Sur la jungle et le désert
Sur les nids sur les grottes
Sur l'écho de mon enfance
J'écris ton nom

Sur les merveilles des nuits
Sur le pain blanc des journées
Sur les saisons fiancées
J'écris ton nom

Sur tous mes chiffons d'azur
Sur l'étang soleil moult
Sur le lac lune vivante
J'écris ton nom

Sur les champs sur l'horizon
Sur les ailes des oiseaux
Et sur le moulin des ombres
J'écris ton nom

Sur chaque bouffée d'aurore
Sur la mer sur les bateaux
Sur la montagne cémentée
J'écris ton nom

Sur la mousse des nuages
Sur les saurs de l'orage
Sur la pluie épaisse et fade
J'écris ton nom

Sur les formes scintillantes
Sur les étioles des couleurs
Sur la vérité physique
J'écris ton nom

Sur tes sentiers éveillés
Sur les routes déployées
Sur les places qui débordent
J'écris ton nom

Sur la lampe qui s'allume
Sur la lampe qui s'éteint
Sur mes maisons réunies
J'écris ton nom

Sur le fruit coupé en deux
Du miroir et de ma chambre
Sur mon lit coquille vide
J'écris ton nom

Sur mon chien gourmand et tendre
Sur ses oreilles dressées
Sur sa patte maladroite
J'écris ton nom

Sur le tremplin de ma porte
Sur les objets familiers
Sur le flot du feu béni
J'écris ton nom

Sur toute chair accordée
Sur le front de mes amis
Sur chaque main qui se tend
J'écris ton nom

Sur la vitre des surprises
Sur les lèvres attentives
Bien au-dessus du silence
J'écris ton nom

Sur mes refuges détruits
Sur mes phares éroulés
Sur les murs de mon ennui
J'écris ton nom

Sur l'absence sans désastre
Sur la solitude nue
Sur les marches de la mort
J'écris ton nom

Sur la santé revenue
Sur le risque disparu
Sur l'espoir sans souvenir
J'écris ton nom

Et par le pouvoir d'un mot
Je recommence ma vie
Je suis né pour te connaître
Pour te nommer

Liberte

UM ÚNICO PENSAMENTO

Nos meus cadernos de escola
Nesta carteira nas árvores
Nos arcos e na neve
Escrevo teu nome

Em toda página lida
Em toda página branca
Pedra sangue papel cinza
Escrevo teu nome

Nas imagens redouradas
Na armadura dos guerreiros
E na coroa dos reis
Escrevo teu nome

Nas junglas e no deserto
Nos ninhos e nas grotas
No eco da minha infância
Escrevo teu nome

Nas maravilhas das noites
No pão branco das alvoradas
Nas estações enlaçadas
Escrevo teu nome

Nos meus farrapos de azul
No tanque sol que mofoa
No lago lua vivendo
Escrevo teu nome

Nas campinas no horizonte
Nas asas dos passarinhos
E no moinho das sombras
Escrevo teu nome

Em cada sopro de aurora
Na água do mar nos navios
Na serra nua demente
Escrevo teu nome

Até na espuma das nuvens
No suor das tempestades
Na chuva insípida e espessa
Escrevo teu nome

Nas formas resplandecentes
Nos sinos das sete cores
E na física verdade
Escrevo teu nome

Nas veredas acordadas
E nos caminhos abertos
Nas praças que regorritam
Escrevo teu nome

Na lâmpada que se acende
Na lâmpada que se apaga
Em minhas casas reunidas
Escrevo teu nome

No fruto partido em dois
De meu espelho e meu quarto
Na cama concha vazia
Escrevo teu nome

Em meu cão guloso e meigo
Em suas orelhas fitas
Em sua pata canhestra
Escrevo teu nome

No trampolim desta porta
Nos objetos familiares
Na língua do fogo puro
Escrevo teu nome

Em toda carne possuída
Na fronte de meus amigos
Em cada mão que se estende
Escrevo teu nome

Na vidraça das surpresas
Nos lábios que estão atentos
Bem acima do silêncio
Escrevo teu nome

Em meus refúgios destruídos
Em meus faróis desabados
Nas paredes do meu tédio
Escrevo teu nome

Na ausência sem mais desejos
Na solidão despojada
E nas escadas da morte
Escrevo teu nome

Na saudade recobrada
No perigo dissolvido
Na esperança sem memórias
Escrevo teu nome

E ao poder de uma palavra
Recomeço minha vida
Nasci pra te conhecer
E te chamar

Liberdade

O VIOLINO DA MORTA

Eu passo horas inteiras evocando
Os soluços plangentes de um violino,
Às vezes gemendo, outras chorando,
O doloroso poema do destino.

A alma que te tangia, enamorada,
Como um cisne morrendo num harpejo;
A alma que te tangia, enamorada,
Subiu ao céu, na redenção de um beijo.

Numa manhã de sonho e de quimera
Dedilhando a harpa de ouro da alegria,
Ante o sorriso em flor da primavera,
Como um sol que se apaga, ela morria.

Aureolada de lírios e de rosas
Como Cristo aureolado de esplendores,
No alvo leito de rendas vaporosas,
A irmã da luz, das aves e das flores.

Olhos fechados, muda, imola e fria,
Mãos de névoa cruzadas sobre o peito,
Dava a idéia de um anjo que dormia
Entre as nuvens de tule do seu leito.

Sob as bênçãos da noite que se estrela,
Eu ouço em cada coisa a voz de um hino,
— E a branca, é a suave, é a doce imagem dela,
Ao luar, tangendo as cordas de um violino.

LAURINDO DE BRITO

Ignoradas influências na poesia brasileira - Iguaí Montello

O nome do poeta piauiense Da Costa e Silva convulsionou-se em todo o Brasil, num mar de glória repentina, através de um soneto que figura em quase todas as nossas antologias modernas e que se acha reproduzido em uma infinidade de revistas, jornais, poemas e aquarelas, além de andar de cor na lembrança de multidões. Trata-se daquele

"Saudade! Olhar de minha mãe rezando
E o pranto lento deslizando em fio...
Saudade! Amor da minha terra... O rio
Cantando de águas claras soluçando.

Notas de junho... O cabaré com frio,
As luzes, sob o arvoredo, piando, piando...
E ao vento, as folhas lividas cantando
A saudade imortal de um sol de estio.

Saudade! Asa de dor do Pensamento!
Cruzados vãos de canaviais ao vento...
As mortalhas da névoa sobre a serra...

Saudade! O Parnaíba, — velho monge
As barbas brancas alongando... E ao longe,
O mugido dos bois de minha terra...

Já foi apontada a semelhança desse soneto de Da Costa e Silva com outro de Maranhão Sobrinho, que figura na coletânea intitulada "Papéis Velhos" vinda a lume pelas alturas de 1909:

"Saudade! O sol a se esconder. O gado
descendo a serra, longe, entre mugidos
tristes a voz do corrego anilado,
enchendo a branca tarde de gemidos!

Saudade! Eu pequenino. O olhar sagrado
de minha irmã contando aos meus
ouveidos
a história de algum Rei Mouró

a voz das rolas dos sertões perdidos...
encantado
a voz das rolas dos sertões perdidos...

O velho alpendre, a mansa claridade
do luar, como um sonho, despontando
entre as saudosas árvores! Saudade...

A mão-da-lua as queixas desfilando
e minha mãe, branquinha de piedade,
diante do altar do Bom Jesus rezando..."

Do cortejo dos dois sonetos ressaltam, muito nitidamente, a conclusão de que um deles influenciou o outro, tão semelhantes são a essência e a forma de ambas as poesias. Distíngu-se entre eles qual foi o influenciado, não é tarefa muito fácil, porquanto ambos os poetas, dentro da escola a que se filiaram, são nomes que envolvem tradições de inspiração e técnica literária, com glórias consolidadas em livros impercíveis na história do simbolismo brasileiro.

Da Costa e Silva publicou em livro, antes de Maranhão Sobrinho, o seu soneto. Os "Papéis Velhos" surgiram logo depois, editados em São Luiz. Tomando-se como ponto de cortejo a data da publicação em livros, conclui-se que foi Da Costa e Silva o pioneiro.

Essa que são de datas, apesar de ser matéria de não resolver completamente o problema. Há ainda, outro argumento capaz de suscitar, em questão aparentemente tão meridiana, a zozima de uma controvérsia. Sabe-se que a obra de Maranhão Sobrinho, composta de três livros, foi reunida por iniciativa de amigos que se prestaram a recolhê-la nas velhas coleções de jornais. Entre esses amigos estava o sr. João Crisóstomo de Souza, então gusano, e que, agora consultado por nós sobre o primeiro dono da idéia que se desdobrou naqueles dois belos sonetos, nos assegurou que, muito antes de Da Costa e Silva, Maranhão Sobrinho publicara o seu trabalho no velho jornal maranhense "A Pacotilha", de cuja coleção, existente na Biblioteca Pública de São Luiz, foi buscada para reunir a coletânea dos "Papéis Velhos".

Essa argumentação, lançada na discussão de um caso que já parecia resolvido, atela o lume de um novo debate. E enquanto ele não se resolve, com a fixação definitiva da data da publicação de um e de outro, vamos indicar aqui outra fonte de influências do soneto de Da Costa e Silva.

E no caso de ser evidenciado que Maranhão Sobrinho agulha as pegadas do poeta piauiense, pode-se afirmar, com documento, que Da Costa e Silva também recolheu em obra bibliográfica alguns dos ritmos e algumas das ideias da poesia que lhe deu celebridade.

E' em Antonio Nobre que vamos encontrar a fonte de inspiração do poeta piauiense, naqueles versos sobre a "Lua Chela", que fazem parte do "Sol":

"Ao longe, os rios de águas prateadas
Por entre os verdes canaviais, casulos,
São como estradas líquidas, e as estradas
Ao luar, parecem verdinhos rios!

Os choquos nus, tremendo, arripadinhos,
O chalo pedem a quem vai passando...
E nos seus leitos nupciais, os ninhos,
As lavandarias noivam piando, piando!"

Confrontando-se esses versos com a segunda quadra e o primeiro terceto do soneto de Da Costa e Silva, evidencia-se que a poesia de Antonio Nobre influenciou poderosamente o poeta brasileiro, emprestando-lhe temas e ritmo que sensivelmente a enriqueceram.

Mas é bom lembrar que Da Costa e Silva não anda em má companhia. São infinitos os exemplos ilustres iguais no seu, Humberto de Campos chegou a anunciar um livro onde revelaria quais são os verdadeiros donos dos nossos versos. Esse trabalho de literatura comparada, que nos revelaria outro aspecto da cultura de Humberto de Campos, não ficou concluído — e apenas se conhece um outro fragmento, que foi publicado em efêmera colaboração de jornal.

Da Costa e Silva tem a companhia de um Gonçalves Dias, de um Castro Alves, de um Vicente de Carvalho e até mesmo de um Olavo Bilac. De um Bilac que tinha muitos escrúpulos e que, com o mala apaixonado culto da forma, passava dias e dias em namoro com a sua arte, no trabalho flaubertiano de captar a precisão verbal de um adjetivo e a melhor sonoridade de uma rima. Um exemplo bem típico e o que vamos apontar — é o recolhido nos sonetos de "A Tarde", que são, certamente, os mais bem trabalhados na poesia bilaciana.

No soneto "Assombradora", há uma definição de saudade que vale como um dos mais belos "conceitos" da literatura brasileira: "A saudade é a presença dos ausentes". O verso famoso está na primeira quadra daquela poesia:

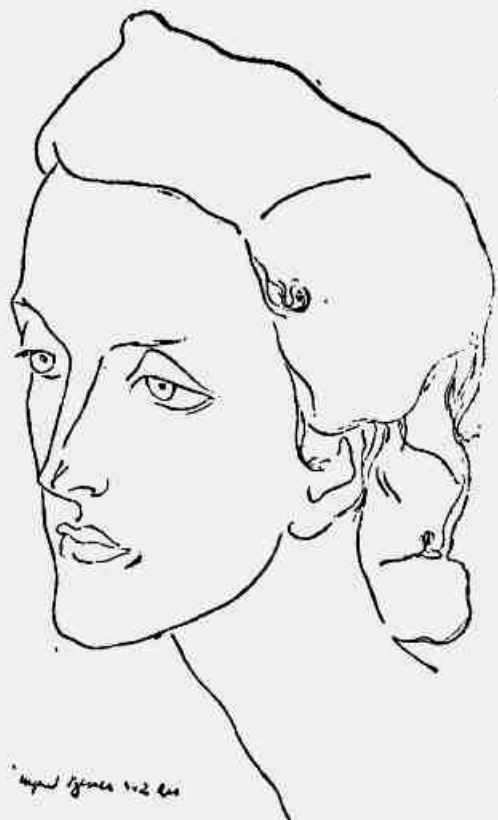
"Conheço um coração, tapera escura,
Casa assombrada, onde anjam penitentes
Sombra e ecos de amor em que perdura
A saudade, presença dos ausentes!"

Em vários passos de sua obra, quer em verso, quer em prosa, Olavo Bilac deixou bem clara a sua admiração por aquele que, depois de Camões, conforme observa Teófilo Braga, o mais conhecido dos poetas portugueses: Boccage. Deixa claro que Olavo Bilac queria de Boccage algum vestígio em sua poesia. Essa suposição não é difícil de ser levada para o terreno da afirmação, porquanto se pode com facilidade encontrar, em muitos aspectos, na obra do grande parnasiano, a presença influenciadora do poeta que foi o mais alto mestre do soneto nas letras lusitanas. Aquela definição de saudade, por exemplo, é uma das nuances de Boccage na poesia de Olavo Bilac, porque, na verdade, ela pertence, com todas as letras, aquele homem boêmio que enriqueceu como nenhum outro a lírica de seu país. Quando Elmano, ainda jovem, saiu de Portugal com destino à Índia (com escala pelo Rio de Janeiro, onde se demorou vários dias), deixou as suas desdidas em uma composição na qual Teófilo Braga encontrava uma "desconhecida simplicidade" e cujos primeiros versos são os seguintes:

"Antiga pátria minha e lar paterno,
Pentes a quem rendo um culto interno,
Lacrimosos parentes,
Que inda na ausência me estareis

Adensam um vivo ardor de nome e fama
A nova região me atrai e chama".

De propósito sublinhamos dois versos, para que com eles se estabeleça um confronto com o verso final da primeira quadra do soneto de Bilac. A filiação é evidente. O poeta de "A Tarde", que punha nos seus trabalhos uma dose de muito escrúpulo literário, foi inconscientemente recolher no tesouro poético de Boccage um dos mais belos versos com que enriqueceu a poesia brasileira...



Cecília Meireles, num traço de Arped Szenes

CECILIA MEIRELES

Cecília Meireles nasceu no Rio de Janeiro, e aqui fez os seus estudos primários e secundários. Diplomou-se pela Escola Normal. A esse tempo, sua predileção ia para os estudos de língua e para os de música, arte a qual se teria certamente dedicado, se a paixão pela literatura não a houvesse absorvido por completo. Ainda estava na Escola Normal, e já publicava dois livros — as *Baladas para El-Rei*, e o *Nunca mais e Poema dos Poemas*, livros em que uma sensibilidade rica e profunda transparece. E' desse tempo, também, *Criança, meu Amor*, livro para a infância, que obteve duas edições.

Cecília Meireles tem exercido o jornalismo no Rio em mais de um jornal. No *Diário de Notícias* e em *A Nação* manteve, durante anos, colaboração acerca de assuntos de instrução.

Durante o ano de 1939, colaborou com sucesso, no "Observador Econômico e Financeiro".

Apaiusada pela infância, criou, há nove anos, a primeira Biblioteca Infantil Brasileira que funcionou no Pavilhão Mourisco, e deu resultados excelentes.

Cecília Meireles reger, em 1936, a cadeira de Literatura Lusó-brasileira da Universidade do Distrito Federal e, em 1937, a de Técnica e Crítica Literária. Visitou Portugal, em 1934, a convite do Secretariado de Propaganda, e ali realizou conferências sobre educação, arte e literatura, conferências essas que depois foram publicadas pela Universidade de Coimbra e pelo *O Mundo Português*. Outros cursos sobre literatura e cultura brasileira, realizou no *Cecília Meireles* nos Estados Unidos, quando ali esteve em 1940.

Como prosadora, tem publicado muitos trabalhos, merecendo destaque a sua comovida novela autobiográfica — *Olhos de gato* — publicada de 1937 a 1938 na revista portuguesa *Occidente*, e cujo aparecimento se anuncia para breve.

Cecília Meireles pertence à Sociedade Politécnica do México, e no Brasil, é delegada do Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana.

Em 1938, seu livro *Viagem* mereceu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras.

ALGUMAS FONTES SOBRE CECILIA MEIRELES

BIBLIOGRAFIA DA POESIA DE CECILIA MEIRELES

- *Espectros* — Prefácio de Alfredo Gomes — Rio — 1919.
- *Nunca mais e Poema dos Poemas*, 151 páginas. Com ilustrações de Correia Dias — Editora Leite Ribeiro — Rio.
- *Baladas para El-Rei* — 130 páginas. Desenhos de Correia Dias. Edições Lux — Rio — 1925.
- *Viagem*, Poesia, 1920-1937 — 1.º Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras em 1938 — 198 páginas — Edições Occidente — Editorial Império Ltda. — Lisboa — 1939.
- *Vaga Música* — 138 páginas — Com um desenho de Arped Szenes — Pongetti — Rio — 1942.

- Agripino Griceo — *Evolução da Poesia Brasileira*.
- Alfredo Gomes — *Prefácio de Espectros* — Rio — 1919.
- Andrade Muril — *A Nova Literatura Brasileira* — Crítica e Antologia — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1938.
- Cassiano Ricardo — *A Academia e a Poesia Moderna* — São Paulo — 1939 — Um volume impresso na "Revista dos Tribunais".
- João Ribeiro — *Nota sobre Espectros* — Imparcial — 18-10-1919.
- Mario de Andrade — *Cecília e a Poesia* — "Estado de São Paulo" — 16-7-1939.
- Terra de Sol — Vol. III, 1921 — Págs. 320-330 — As melhores poesias de Cecília Meireles (antologia de trabalhos da poetisa). Com retrato de Correia Dias.

O POETA E A MORTE

SARA SOUSA

*Na rua vazia e às escuras
sentia o corpo nos seus passos
como se carregasse sozinho
o próprio caixão funerário*

*As estrelas no céu eram flores
que juncariam a sua cova
E a voz do mar lhe dizia
que a cova lá estava aberta
as ondas o chorariam*

ANTOLOGIA DA LITERATURA

PRIMEIRA SÉRIE — ANTOLOGIA DA POESIA II — CECÍLIA MEIRELES

MOTIVO

É o canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Imago das coisas fugidivas,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se demorano ou se edifico,
se permaneço ou me deslizo,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem raiz que eterno a asa ritmada.
E um dia sei que cantei mudo:
— mais nada.

(VIAGEM)

MURMÚRIO

Traze-me um pouco das sombras serenas
que as nuvens transportam por cima do dia!
Um pouco de sombra apenas,
— vê nem te peço alegria.

Traze-me um pouco da alvura dos luas
que a noite sustenta no seu coração!
A alvura, apenas, dos ares:
— vê que nem te peço ilusão.

Traze-me um pouco da tua lembrança,
aroma perdido, saudade da flor!
— Vê que nem te digo — esperança!
— Vê que nem sequer sonho — amor!

(VIAGEM)

ONDA

Quem falou de primavera
sem ter visto o teu sorriso,
falou sem saber o que era.

Pus o meu lábio indeciso
na concha verde e espumosa
modelada ao vento liso:

tinha frescura de rosa,
aroma de viagem clara
e um som de prata gloriosa.

Mas desfez-se em coisa rara:
perolas de sal tão finas
— nem a areia as igualava!

Tenho no meu lábio as ruínas
de arquitetura de espuma
com paredes cristalinas...

Voltei nos campos de bruma,
onde as árvores perdidas
não prometem sombra alguma.

As coisas acontecidas,
mesmo longe, ficam perto
para sempre e em muitas vidas:

mas quem falou de deserto
sem nunca ver os meus olhos...
— falou, mas não estava certo.

(VIAGEM)

PAUSA

Agora é como depois de um enterro.
Deixa-me neste leito, do tamanho do meu corpo,
junto a parede lisa, de onde brota um sono vazio.

A noite desmancha o pobre jogo das variedades.
Pousa a linha do horizonte entre as minhas pes-
tanhas,
e mergulha silêncio na última voz da esperança.

Deixa tocar esse grilo invisível
— mercúrio trementado na palma da sombra —
deixa-o tocar a sua música, suficiente
para tocar todo arabesco da memória...

(VIAGEM)

PERSPECTIVA

Tua passagem se fez por distâncias antigas.
O silêncio dos desertos pesava-lhe nas asas
e, juntamente com ele, o volume das montanhas
(e do mar).

Tua velocidade de-loca mundos e almas.
Por isso, quando passaste, caiu sobre mim tua
violência
e desde então alguma coisa se aboliu.

Guarde uma lembrança de drama sombrio, com vo-
lutas de ondas lamentando-me.
E a multidão das estrelas avermelhadas fugindo
com o céu para longe de mim.

Os dias que veem são feitos de vento placido e
lápagem tudo
Dispersam a sombra dos gestos sobre os cenários.
Levam dos lábios cada palavra que desponha.
Gastam o contorno da minha síntese.
Acumulam ausência em minha vida...

Oh! um pouco de neve matando, docemente, folha
a folha...

Mas a seiva lá dentro continua, sufocada,
nutrindo de sonho a morte.

(VIAGEM)

QUADRAS

Na canção que vai ficando
já não vai ficando nada:
é menos do que o perfume
de uma rosa desfolhada.

Os remos batem nas águas:
tem de ferir, para andar.
As águas vão consentindo
Este é o destino do mar.

Passarinho ambicioso
fex nas nuvens o seu ninho.
Quando as nuvens forem chuva,
pobre de ti, passarinho.

O vento do mês de Agosto
leva as folhas pelo chão:
só não toca no teu rosto
que está no meu coração.

Os ramos passam de leve
na face da noite azul.
E' assim que os ninhos aprendem
que a vida tem norte e sul.

A cantiga que eu cantava,
por ser cantada morreu.
Nunca hei de dizer o nome
daquilo que há de ser meu.

Ao lado da minha casa
morre o sol e nasce o vento.
O vento me traz teu nome,
leva o sol meu pensamento.

(VIAGEM)

RESSURREIÇÃO

Não cantes, não cantes, porque veem de longe os
[náufragos,
veem os presos, os tortos, os monges, os oradores,
os suicidas.
Veem, as portas de novo, e o frio das pedras, das
[escadas,
e, numa roupa preta, aquelas duas mãos antigas.

E uma vela de movel chama fumosa. E os livros.
[E os escritos.

Não cantes. A praça cheia torna-se escura e sub-
[terrânea.

E meu nome se escuta a si mesmo, triste e falso.

Não cantes, não. Porque era música da tua
voz que se ouvia. Sou morto recente, ainda com
[lágrimas,
Alguem cuspiu por distração sobre as minhas
[pestanhas.

Porisso vi que era tão tarde.

E deixei nos meus pés ficar o sol e andarem
[moscas.

E dos meus dentes escorrer uma lenta saliva.
Não cantes, pois transei o meu cabelo, agora,
e estou diante do espelho, e sei melhor que ando
[fugida.

(VIAGEM)

RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança-
ção simpica, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

(VIAGEM)

SERIEIA

Linda é a mulher e o seu canto,
ambos guardados no luar.
Seus olhos doces de pranto

— quem os pudera enxugar
devagarinho com a boca.
ai!
com a boca, devagarinho...

Na sua voz transparente
gramos sonhos de cristal.
Nem ar nem onda corrente
possuem suspiro igual.
nem os bônus nem as violas,
ai!
nem as violas, nem os bônus...

Tudo pudesse a beleza,
e de encoberto país,
viria alguém, com certeza,
para fazê-la feliz,
contemplando-lhe alma e corpo,
ai!
alma e corpo contemplando-lhe...

Mas o mundo está dormindo
em travesseiros de luar.
A mulher do canto lindo
ajuda o mundo a sonhar,
com o canto que a vai matando,
ai!
E morrerá de cantar.

(VIAGEM)

TENTATIVA

Andei pelo mundo no meio dos homens:
uns compravam jóias, uns compravam pão.
Não houve mercado nem mercadoria
que seduzisse a minha vaga mão.

Calado, Calado, me diga, Calado
por onde se encontra minha sedução.

Alguns sorririam, muitos, solgarão,
uns, porque tiveram, outros, porque não.
Calado, Calado, eu, que não quis nada,
porque ando com pena no meu coração?

Se não vou ser santa, Calado, Calado,
os sonhos de todos por que não me dão?

Calado, Calado, perderam meus dias?
ou gastei-os todos, só por distração?
Não sou dos que levam: sou coisa levada...
E nem sei daqueles que me levarão...

Calado, me diga: se devo ir-me embora,
para que outro mundo e em que embarcação!

(VIAGEM)

TIMIDEZ

Basta-me um pequeno gesto
feito de longe e de leve,
para que venhas comigo
e eu para sempre te leve...

— mas só esse eu não farei.

Uma palavra caída
das montanhas dos instantes
demonha todos os mares
e une as terras mais distantes...

— palavras que não durei.

Para que tu me adivinhes,
entre os ventos taciturnos,
apago meus pensamentos,
ponho vestidos noturnos,

— que amargamente inventei.

E, enquanto não me descobres,
os mundos vão navegando
nos ares certos do tempo,
até não se sabe quando...

— e um dia me acabarei.

(VIAGEM)

VALSA

Fiz tanto luar que eu pensei nos teus olhos antigos
e nas tuas antigas palavras.

O vento trouxe de longe tantos lugares em que
[estivemos
que tornei a viver contigo enquanto o vento
[passava.

Houve uma noite que cintilou sobre o teu rosto
e modelou tua voz entre as algas.
Eu moro, desde então, nas pedras frias que o céu
[protege
e estudo apenas o ar e as águas.

Coitado de quem pôs sua esperança
nas praias fora do mundo...
— Os ares fogem, viram-se as águas,
mesmo as pedras, com o tempo, mudam.

(VIAGEM)

BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

GUITARRA

Punhal de prata já eras,
punhal de prata!
Nem tente tu que fizeste
a minha mão insensata.

Vi-te brilhar entre as pedras,
punhal de prata,
— no cabo, flores abertas,
no gunte, a medida exata.

a exalta, a medida certa,
punhal de prata,
para atravessar-me o peito
com uma let a e uma data.

A maior pena que eu tenho,
punhal de prata,
não é de me ver morrendo,
mas de saber quem me mata.

(VIAGEM)

DISCURSO

E aqui estou, cantando.

Um poeta é sempre irmão do vento e da água:
deixa seu ritmo por onde passa.

Venho de longe e vou para longe:
mas procurei pelo chão os sinais do meu caminho
e não vi nada, porque as ervas cresceram e as
[serpentes andaram.

Também procurei no céu a indicação de uma tra-
[jetória,
mas houve sempre muitas nuvens.
E suicidaram-se os operários de Babel.

Pois aqui estou, cantando.

Se eu nem sei onde estou,
como posso esperar que algum ouvido me escute?

Ah! se eu nem sei quem sou,
como posso esperar que venha alguém gostar de
[mim?

(VIAGEM)

DIALOGO

Minhas palavras são a metade de um diálogo
[obscuro
continuando através de séculos impassíveis.

Agora compreendo o sentido e a ressonância
que também trazes de tão longe em tua voz.

Nossas perguntas e respostas se reconhecem
como os olhos dentro dos espelhos. Olhos que
[choraram.

Conversamos dos dois extremos da noite,
como de praias opostas. Mas com uma voz que não
[se importa...

E um mar de estrelas se balança entre o meu
[pensamento e o teu.

Mas um mar sem viagem.

(VIAGEM)

DESTINO

Pastora de nuvens, fui posta a serviço
por uma campina tão desamparada
que não principia nem também termina,
e onde nunca é noite e nunca é madrugada.

[Pastores da terra, vós tendes sossego,
que olháis para o sol e encontras direção.
Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo.
Eu, não.]

Pastora de nuvens, por muito que espere,
não há quem me explique meu vário rebanho.
Perdida atrás dele na planície aérea,
não sei se o conduzo, não sei se o acompanho.

[Pastores da terra, que saltais abismos,
nunca entenderéis a minha condição.
Pensais que há firmeza, pensais que há limites,
Eu, não.]

Pastora de nuvens, cada lus colore
meu canto e meu gado de tintas diversas.
Por todos os lados o vento revolve
os velos instáveis das rezes diásporas.

[Pastores da terra, de certos olhos,
como é tão serena a vossa ocupação!
Tendes sempre o indicio da sombra que foge...
Eu, não.]

Pastora de nuvens, não paro nem durmo
neste moel prado, sem noite e sem dia.
E trelas e luses que jorram, deslumbram
o gado inconstante que se me extravia.

[Pastores da terra, que debaixo das folhas
que entornam frescura num plácido chão
sabeis onde pousam ternuras e sonhos.
Eu, não.]

Pastora de nuvens, esqueceu-me o rosto
ou dono das rezes, do dono do prado.
E há vezes parece que dizem meu nome,
que me andam seguindo, não sei por que lado.

[Pastores da terra, que vedes pessoas
sem rezes apenas de imaginação,
podeis encontrar-vos, fazer tanta coisa!
Eu, não.]

Pastora de nuvens, com a face deserta,
sigo atrás de fontes com felícios falas,
queimando vigílias na planície e na
que gira debaixo dos meus pés descalços.

[Pastores da terra, tereis um salário,
e auferir por bolles vossos corações.
Dormireis um dia como pedras suaves.
Eu, não.]

(VIAGEM)

A ÚLTIMA CANTIGA

Num dia que não se adivinha-
meus olhos assim estarão:
e há de dizer-se: "Era a expressão
que ela ultimamente tinha".

Sem que se mova a minha mão
nem se incline a minha cabeça
nem a minha boca estremeça,
— toda serei recordação.

Meus pensamentos sem tristeza
de novo se debruçarão
entre o acabado coração
e o horizonte da língua presa.

Tu, que foste a minha paixão,
virás a mim, pelo meu gosto,
e de muito além do meu rosto
meus olhos te percorrerão.

Nem por distante ou distraído
escaparás à invocação
que, de amor e de mansidão,
te eleva o meu sonho perdido.

Mas não verás tu existência
nesse mundo sem sol nem chão,
por onde se derramarão
os mares da minha incoerência.

Ainda que sendo tarde e em vão,
perguntarei por que motivo
tudo quanto eu quis de mais vivo
tinha por cima escrito: "Não".

E ondas seguidas de saudade,
sempre na tua direção,
caminharão, caminharão,
sem nenhuma finalidade.

(VIAGEM)

ANUNCIAÇÃO

Toca essa música de seda, frouxa e trêmula,
que apenas embala a noite e balança as estrelas
[noutro mar.

Do fundo da escuridão nascem vagas de ouro,
com as mãos de esquecidos corpos quase desman-
[chados no vento.

E o vento bate nas cordas, e estremece as velas
[topacas,
e a água derrete um brilho fino, que em si mesmo
[logo se perde.

Toca essa música de seda, entre areias e nuvens
[e espumas.

Os remos pararão no meio da onda, entre os peixes
[suspensos
e as cordas partidas andarão pelos ares dançando
[atua.

Cessará essa música de sombra, que apenas indica
[valores de ar.
Não haverá mais nossa vida, talvez não haja nem
[o pó que fomos

E a memória de tudo desmanchará suas dunas
[desertas,
e em navios novos homens eternos navegarão.

(VIAGEM)

ACEITAÇÃO

E' mais fácil pousar o ouvido nas nuvens
e sentir passar as estrelas
do que prendê-lo à terra e alcançar o rumor dos
[teus passos.

E' mais fácil, também, debruçar os olhos no oceano
e assistir, lá no fundo, ao nascimento mudo das
[formas,
que desejar que apareçam, criando com teu simples
[gesto

o sinal de uma eterna esperança.

Não me interessam mais nem as estrelas, nem as
[formas do mar
nem tu.

Desentoei de dentro do tempo a minha canção:
não tenho inveja as cigarras; também vou morrer
[de cantar.

(VIAGEM)

EPIGRAMA N. 3

Mutilados jardins e primaveras abolidas
abriram seus miraculosos ramos
no cristal em que pousa a minha mão.

(Prodigioso perfume!)

Recompuseram-se tempos, formas, cores, vidas...
Ah! mundo vegetal, nós, humanos, choramos
só da incerteza da ressurreição.

(VIAGEM)

EPIGRAMA N. 7

A tua raça de aventura
quis ter a terra, o céu, o mar.

Na minha, há uma delícia obscuro
em não querer, em não ganhar...

A tua raça quer partir,
guerrear, sofrer, vencer, voltar.

A minha, não quer ir nem vir.
A minha raça quer passar.

(VIAGEM)

EPIGRAMA N. 13

Passaram os reis coroados de ouro,
e os heróis coroados de louro:
Passaram por estes caminhos.

Depois, vieram os santos e os bardos.
Os santos, cobertos de espinhos.
Os poetas, cingidos de cardos.

(VIAGEM)

EPITAFIO DA NAVEGADORA

A GASTÓN FIGUEIRA

Se te perguntarem quem era
essa que às areias e gelo
quis ensinar a primavera;

e que perdeu seus olhos pelos
mares sem deuses desta vida,
sabendo que, de assim perdê-los,

ficaria também perdida;
e que em algas e espumas presa
deixou sua alma agradecida;

essa que sofreu de beleza
e nunca desejou mais nada;
que nunca teve uma surpresa

em sua face iluminada,
dize: "Eu não pude conhecê-la,
sua história está mal contada,

mas seu nome, de barca e estrela,
foi: "SERENA DESESPERADA".

(VAGA MÚSICA)

CANÇÃO DA MENINA ANTIGA

A DIOGO DE MACEDO

Esta é a dos cabelos louros
e da roupinha encarnada,
que eu via alimentar pombos,
sentadinha numa escada.

Seus cabelos foram negros,
seus vestidos de outras cores,
e alimentou, noutros tempos,
a corvos devoradores.

Seu crânio estará vazio,
seus ossos sem vestimenta,
— e a terra haverá sabido
o que ela ainda alimenta.

Talvez Deus veja em seus sonhos
— ou talvez não veja nada —
que essa é a dos cabelos louros
e da roupinha encarnada,

que do alto degrau do dia
às covas da noite, excuras,
desperdiçou sua vida
pelos outros criaturas...

(VAGA MÚSICA)

ALBUM DE GUIGNARD



N.º 15 — AS PRATELEIRAS — VISTA DO PLANALTO DAS AGULHAS NEGRAS

A atitude poética do misticismo — Mucio Leão

Um dos traços que tiveram em Carlos Dias Fernandes foi, em sua mocidade, um arceate anti-Cristo, assombrando as gentes de um mundo taurino e pacífico, José Lima do Rego contou-nos o que foi o aparecimento dele na Paraíba. Foi alguma coisa de assombroso e de terrível. — Ele vinha de vastas peregrinações aventureiras um pouco por todo o Brasil, pois o seu génio inabundante acabava por não se adaptar a coisa alguma. S. Paulo, o Rio de Janeiro, o Pará, viram-no lutando, cantando, amando, escrevendo, polemizando, insultando, escandalizando os povos, reafirmando ideias que não estavam na órbita dos pensamentos da humanidade comum. Certo dia ele desabou sobre a Paraíba — a sensação que provocou sua chegada ali seria semelhante à que havia de provocar a descida de um gavião possante num meio de pinhais medrosos... O mesmo foi em Pernambuco, e disse pouco depois testemunho. Não o conheci então, e nunca tive ocasião de trocar com ele nenhuma palavra. Vi-o, porém, várias vezes, e sempre invejei aquele ar de insolente zandee que ele tinha, aquele jeito de naturalista em pique-nique permanente, aquela bela cabeça que deve ter alucinado tantas mulheres, aquele aspecto de provocação vitalícia com que ele enfrentava os todos preconceitos ambientais...

Outros dos nossos simbolistas, entretanto, ao realizarem uma poesia religiosa fria e falsa, que nunca passou das palavras. E construíram, assim, um mero exercício de retórica mística, alguma coisa que com certeza os condenará a nunca penetrarem no Céu...

Tive ocasião de retomar alguns livros de Carlos Dias Fernandes, o poeta paraiibano há pouco falecido, e foi a leitura de alguns dos seus poemas que me fez chegar à meditação que

Carlos Dias Fernandes foi, em sua mocidade, um arceate anti-Cristo, assombrando as gentes de um mundo taurino e pacífico, José Lima do Rego contou-nos o que foi o aparecimento dele na Paraíba. Foi alguma coisa de assombroso e de terrível. — Ele vinha de vastas peregrinações aventureiras um pouco por todo o Brasil, pois o seu génio inabundante acabava por não se adaptar a coisa alguma. S. Paulo, o Rio de Janeiro, o Pará, viram-no lutando, cantando, amando, escrevendo, polemizando, insultando, escandalizando os povos, reafirmando ideias que não estavam na órbita dos pensamentos da humanidade comum. Certo dia ele desabou sobre a Paraíba — a sensação que provocou sua chegada ali seria semelhante à que havia de provocar a descida de um gavião possante num meio de pinhais medrosos... O mesmo foi em Pernambuco, e disse pouco depois testemunho. Não o conheci então, e nunca tive ocasião de trocar com ele nenhuma palavra. Vi-o, porém, várias vezes, e sempre invejei aquele ar de insolente zandee que ele tinha, aquele jeito de naturalista em pique-nique permanente, aquela bela cabeça que deve ter alucinado tantas mulheres, aquele aspecto de provocação vitalícia com que ele enfrentava os todos preconceitos ambientais...

É esse mesmo ar de provocação, de desafio e de involução que encontramos como inspiração central de tantas de suas poesias. Seu trabalho que mais impressão causou aos leitores parece que foi a "Canção de Vesta". É um poema naturalista, em que se condensam ideias filosóficas, traçando a evolução dos fenómenos telúricos. "Água, esposa do Sol, virgem mãe do Ulivo-so" — assim começa esse novo Lucrécio

o seu cântico da Natureza. E parece não haver dúvida de que a feição pela qual e mais tarde há de ser considerado é essa fremente integração com a Natureza e as coisas naturais, em que viveu e em que cantou. Só esse pagão amor à Natureza e às coisas naturais explica as avessas atitudes de provocação e desafio, como aquelas que findaram por lhe trazer processos, perseguições de polícias e de juizes.

Carlos Dias Fernandes, porém, enfrentava com igual veemência polícias e juizes. Minha vontade seria citar, aqui, por inteiro, certo poema espantoso dos "Solus" — um poema intitulado "O Pandemônio da lei", dedicado "Aos juizes Rubim e Lacerda, com eterno ódio e satisféida vingança". Poema sem dúvida revolucionário para a moral comum. Nele, o poeta chama aos juizes "raífeiros miserandos, disfarçados histriões, vicinços apostatas, frus boçais de adulterios nefandos, acusando-os de traçarem nos suas patas as Balanças da lei." É um destemido poema, em que um poeta, acusado de ter cometido um crime por amor, vem para o meio das multidões assegurar a sublimidade desse seu crime, e proclamar o seu direito e o direito de sua amada a repetir tão deliciosos atos...

Esse me parece ser o Carlos Fernandes autêntico — o poeta naturalista, o melhor, naturalista, como quer que seja o poeta integrado com as coisas naturais, amando-as, sentindo-as, procurando-as, com toda a agudeza e toda a pujança dos seus sentidos ardentes.

E, entretanto, também esse poeta quis ter ras suas notas religiosas, também ele se deu, como toda a sua escola, toda o

seu grupo, a esse exercício de poesia mística, a que em ajuda há pouco... Num dos seus livros, "Vanitas Vanitatum", ele queria "ser humilde e perfeito como um Santo"... queria andar de rastros, ninguém tremulário, e lambor o po do pe dos leprosos... E aqui mesmo, nestes "Solus", celebra Maria Santíssima em dois sonetos, chamando-a de "Celeste Rosa" milagrosa fonte de ternura, astro bendito de piedosa chama, e pedindo para ter o último porto no seu amor virginal... Também encontro a poesia "Último Porto", em que ele evoca o seu Deus — "Deus de graça e perdão, de paz e de concordia" — implorando, num humilde requiem, misericórdia para todos os seus pecados...

Eis aí, agora, Carlos Dias Fernandes — o poeta ardentemente humano, e, mais do que isso, terreno, o poeta que afrontava os processos, que não temia as ameaças da lei, que desafiava os polícias e os juizes — ele agora diante do altar, rezando suas preces humildes, ascendendo nas volutas do incenso, querendo atingir o doce domínio dos Anjos e dos Santos!

As histórias agiologicas falam-nos de pecadores que ardentemente pecaram, e que se tornaram puríssimos, suavíssimos santos. Mas esses dois aspectos — o do pecado e o da santidade — em nenhum deles creio eu, nunca se registaram num momento idêntico. O pecador primeiro deixa o pecado; e só depois ascende, purifica-se, torna-se místico, atinge a claridade da angelitude. A própria Maria Egípcia, tão famosa porque se entregou a um barbaquero — quando a ele se entregou não cometeu nenhum ato humano, nenhum ato ter-

reno, nenhum ato de pecado. Sua pensamento estava no Céu, e foi como um ato celestial, do que ela se deixou possuir.

Em Carlos Dias Fernandes, que me assombra é isso — o que ele tenha escrito e publicado, por exemplo, um livro como o "Solus". Livro que é uma ardente exaltação ao pecado mas pecado de todos os pecados, livro que é quase um convite a que façamos a mesma coisa que ele fez... e livro que no momento instantâneo quer aspirar entre nuvens e orações, subir ao limiar do último Céu, cair como um ramo de lírios, para imaculados da Virgem Santíssima. Não é uma contradição?

TEORIA DO BELO

Tristão da Cunha

Afirmar que a ideia de arte se prende a de beleza, ou que lhe escapa, é presumir uma definição do belo. E este não é muito mal definido. De outro lado, se temos em mente as formas consagradas é evidente que a arte ora implica a beleza, ora não. A "Venus de Milo", a "Juno", a "Ticiano" são imagens de beleza. A "Lição de anatomia", certas naturezas mortas de Chardin, não o seriam. Mas nem por isso deixam estas obras de pertencer à grande arte; e ajuntarei que, como tais, possuem uma beleza própria.

A arte é a criação — a fruição ou a evocação das formas fugazes da vida. É uma imortalidade. Eis porque sempre me parece razoável atribuir o instinto artístico ao mesmo excesso de vida, a esse derramamento de energia que nos leva a brincar, a dançar, e a amar, e que se procura, realizar em novas formas de vida. A arte é o amor são gémeos.

(Cousas do Tempo).